

SERTÃO DE DENTRO
EPISÓDIO 10 – CANUDOS
TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS

ASSEMBLEIA PADRE ENOQUE DIA 23

(Padre Enoque faz um ditado dentro da sala).

(padre) Aliás, linda de se ver, concelebrar, Belo Monte quer te ver, cinco de outubro te amar.

(padre) Terceira parte, flora florar, arara azul, ave encantada, canta para mim, canto pra tu. Certo.

(padre) Quem foi ali, buscar o pão, só podia amar. É o refrão.

(padre) A outra estrofe. Capinar a terra, enterrar o grão. A grandeza do trabalho, utopia do sertão.

(padre) O Zé, bora prestar atenção na música agora, por favor.

(padre) Belo Monte se agitou, encantou, tanto se diz, a tapera se moldou num lugar ser feliz.

(padre) A última estrofe. Antônio viu, acreditou, guerreiros mil. São Salvador.

(padre) Ele tem que montar primeiro. Alguém vai tomar café? É porque senão vai esfriar. Quem vai tomar café?

(pessoas estão em uma sala onde o café está sendo servido)

(testando o microfone)

(padre) Vamos ensaiar esses dois cantos da celebração, depois a gente fala sobre o porquê nós estamos aqui. Vamos aproveitar pra falar sobre a celebração de Canudos e porque o Geraldo com a equipe está aqui. A gente preparou dois cantos pra esse ano. Pelo menos vocês podem cantar o refrão.

(padre) Caraibeira dourada, feliz outono chegou, riacho esturricado, mas a beleza estraiou. (cantando os versos)

(todos) Caraibeira dourada, feliz outono chegou, riacho esturricado, mas a beleza estraiou. (cantando os versos)

(padre) solta voz

(todos) Caraibeira dourada, feliz outono chegou, Me acha esturricado, mas a beleza estraiou. (cantando os versos)

(padre) Vocês estão cantando muito baixo. É só o refrão gente.

(todos) Caraibeira dourada, feliz outono chegou, Me acha esturricado, mas a beleza estraiou. (cantando os versos)

(todos cantam e batem palma) Deixem me viver, deixe-me falar, deixe me crescer deixa me organizar. Quando eu vivia no sertão... É água nas minhas mãos para levar. Maria apareceu pelo sertão.

(todos cantam) A vida como um galho vai florar. A luta pela terra gera o pão. Amores vão de novo começar. Deixem-me. deixe-me falar, deixe me crescer, deixa me organizar (...) O povo organizado vai vencer.

(todos cantam) Caraibeira dourada, feliz outono chegou, Riacho esturricado, mas a beleza estraiou

(padre) Mas tá ficando bonito. Vocês sabem que quando a gente vai pra Canudos, a gente vê aqueles riachos todos sem água e as caraibeiras tudo dourada. São dezenas e centenas de caraibeira. Então essa é uma homenagem a essa árvore tão importante e linda do sertão.

(Geraldo) Mas lá na Barra onde a gente mora está assim, lá em cima do morro, você vê o trilho do rio todo decorado de caraibeira.

(padre) A celebração é tudo dourada, que é a árvore mais linda que tem nesse sertão é ela, que apesar da seca esturricado e ela tá com aquela floração linda, da cor de ouro. Por isso, a gente fez essa homenagem aí caraibeira.

(padre) Então pessoal, o Geraldo depois ele fala do trabalho com essa equipe. O Geraldo que é meu amigo há muitos anos, em 84, vários de vocês estavam no trabalho, foi o primeiro filme que ele fez em Monte Santo, na nossa comunidade. O Geraldo que veio. Foi 84 né? (Geraldo diz: foi) Um filme que ele trouxe o ano passado, retornou o ano passado, mostrou as imagens, não deu pra ir em todas as áreas, mas veio o ano passado e veio esse ano agora para terminar esse trabalho, essa filmagem, que é um trabalho e uma homenagem muito importante para atualizar o trabalho de comunidade, aquele trabalho efervescente que tava tendo aqui. E vocês e muitos pais que não estão mais aqui participaram durante décadas. Portanto, hoje eles estão aqui para continuar esse trabalho. É um filme muito grande, muito importante e que vai registrar a continuidade daquele trabalho lá no passado. Como era a vida aqui há 30 anos aqui, como era esse sertão a vida naquele tempo, depois foi modificando se alterando, mudando, melhorando muita coisa. E chegamos agora inclusive a esse ponto que não devia ter acontecido, que foi tirar esta mulher (falando da presidente Dilma). Então, o trabalho deles que é mais ou menos isso aí e por isso como nós estávamos fazendo Euclides da Cunha para

registrar o vaqueiro, as criações. Segunda-feira vai na história de Canudos. Hoje com vocês aqui, o trabalho de comunidade. Antes foi numa família do Saco. Vai passar registrando muito dessas coisas importantes, dessas atividades importantes que tem aqui nessa região.

(padre) Portanto ele precisa pegar o documento das pessoas, entrega pra Joice porque segunda-feira eles vão embora. E manda pra casa de Canudos em Euclides da Cunha e a gente entrega.

(padre) Foi muito importante essa vinda dessa equipe aqui porque ela tá registrando aquilo que foi a história de muitos de nós aqui, de vocês participaram e ainda participam. Que passou pelo processo organização e benefícios porque foram muitos benefícios que vieram pra região de Monte Santo. Uns lugares mais, outros menos, mas vieram. Trata-se agora que teve outro tipo de vida, um pouco melhor, ver como vai cobrar os direitos e os benefícios agora com o novo governo.

(padre) A gente deixou escapar como você tem uma criação aí e você deixa escapar a criação e não sabe o que fazer no final de semana que a criação foi embora. E nós deixamos escapar isso. Agora ver, Brasil vai continuar, na economia, cultura, escola, tudo vai continuar, é saber agora como é que o povo humilde que é o que mais tem dificuldade como vai retomar o trabalho de organização que eu tanto tenho insistido, via sindicato, via associação pra poder continuar esse trabalho que foi admirado por tanta gente a ponto dele sair do Rio e vir filmar esse trabalho e até hoje tão filmando.

(padre) Então é que nós deixamos escapar essa mulher que tava aí representando o povo com tanto benefício, então agora tem que passar para o momento da cobrança geral do povo, pra continuar melhorando os benefícios. Então, nós vamos aqui aproveitar, já que estamos em cima da celebração de Canudos pra fazer nossa reunião e dentro disso, precisamos falar o que aconteceu, como tiraram essa mulher, tiram uma pessoa que o povo elegeu. Ai vamos conversando aí, se quiserem fazer perguntas o Geraldo e equipe vai dizer o que vai ser feito.

(padre) O que vocês acham, Antonio, Rosa, Joice, Maria...? Começa por onde que nós estamos atrasados, começa por qual discussão?

(alguém) Acho que a celebração que já tá a postos, né.

(padre) Celebração, né. É questão de transporte, da ida pra Canudos.

(padre) Eu vou dar logo a boa notícia pra vocês. O cartaz e o convite tá saindo, o sindicato de Salvador que vai fazer. Estamos tentando lá junto a deputado, vereadores ver se consegue um carro, dois pra trazer o povo de lá. Mas até agora o movimento não conseguiu dinheiro algum pra fazer suas atividades. Vocês sabem que só de transporte é bastante dinheiro e o pessoal de Euclides da Cunha ontem me perguntou da Celebração. Aqui, a região de vocês e várias regiões de Monte Santo, como iria. Mas tem uma surpresa, Pedro mandou avisar, porque é ano de eleição, eu já percebendo que depois que aquela diretora pequenina morreu e a participação dos alunos tem sido reduzida eu comecei a pensar será que tão boicotando o trabalho e a diretora está se debandando pra poder político e tá querendo esvaziar o acontecimento?

(padre) Era tão importante ter a participação do povo, pelo interesse e pela cultura que eles tem. Então mandamos a pergunta muita séria pra lá, perguntado o que é

que tá acontecendo que nem os estudantes tão participando da celebração. Mandou dizer agora que não era pra fazer a sexta-feira lá com o colégio Antonio Conselheiro porque tinha eleição.

(alguém) No colégio é devido a eleição, né. Só vai acontecer em novembro, mas se que eles se comprometeram a se mobilizar pra acontecer na praça. Se não acontecesse no colégio, aconteceria da praça e ele já avisou que não vai ser?

(padre) Sim, mandaram avisar se com o colégio na mão, que vende essa história do movimento de Canudos com centenas e centenas de estudante, a direção e os responsáveis não estão mobiliando. Que inclusive é através da Vanda lá de Salvador, da Secretaria de Educação, que tá conseguindo os benefícios econômicos pra acontecer essa atividade no colégio, como nós vamos acreditar que eles vão mobilizar pra praça?

Se não querem mobilizar pro colégio que tem um público específico que são os estudantes, como é que se pode acreditar? Eu disse pra Vanda, oia se quiser ir... Eu pessoalmente não acredito que eles vão organizar na praça. Porque era muito mais difícil mobiliar pra praça.

(alguém) Tem que ver aqui a questão da data

(padre) O que tá resolvido é que nós não vamos acreditar que eles mobilizariam pra praça, era preocupação só com política partidária. A política partidária sempre vai ter nesse país e não tem no sentido, inclusive eles que são beneficiados com aquele colégio que foi o movimento que conquistou, abandonar um trabalho, o que não demandaria muito esforço deles pra prejudicar a política deles. Eu acho uma coisa gravíssima a começar pelo nosso amigo Defino advogado que sempre foi lá muito mais tratar interesses partidários do que do movimento.

(padre) Muito bem. Então diante disso, diante dessa recusa deles, nós decidimos fazer a sexta-feira em Euclides da Cunha. Em Euclides da Cunha temos tido dificuldade de mobilização, muito mais também porque eu tenho que estar em Monte Santo, em Uauá, resolvendo essas coisas e não tem pessoas que possam realmente fazer a mobilização na cidade. Esse ano, que é também ano de eleição, a gente conversou com umas pessoas de lá e um vereador que gosta muito da gente sugeriu que fizéssemos na Câmara dos Vereadores, que tem som, tem 200 e tantas cadeiras, a Casa da Cultura em Euclides da Cunha só cabem 80 pessoas.

(padre) Então com toda essa recusa do poder político e tudo mais, resolvemos fazer em Euclides da Cunha esse ano e no espaço da Câmara que é a casa principal da cidade, que tem mais de 200 lugares, não sei se já andaram lá. E decidimos fazer lá a sexta-feira. Agora nesse caso que é muito mais difícil pra vocês de Monte Santo, se teria condição de participar. Em vez de ir pelo Uauá iria por Euclides da Cunha, por Monte Santo, desculpe e lá tem as creches que eles colocaram à disposição lá na cidade e fara sexta-feira aí vocês vem se tem condição de participar por Euclides ou dormiria lá e seguiria no dia seguinte ou ia direto no sábado.

(alguém) não tem como levar o pessoal na sexta-feira, né?

(alguém 2) porque tem trabalho e eu não posso sair, tem os bichos pra dar de comer...

(alguém 3) Ou vai algumas na frente e o pessoal vai outro dia

(Antonio) É comum esse período que a gente faz nossa celebração do movimento é sempre tem o castigo da falta de comida pros animais, tem que tá dando redação. Além do mais, pesa a questão do transporte, tem dificuldade de conseguir por custo e quando consegue só vai assim, senão não pode. Primeiro que a gente não pode sair dois dias e a segunda é que os transportes são limitados e com uma sequência, não só vou se for por ali.

(Rosa) vamos ver logo como tá essa situação, foi entregue um projeto pra prefeitura e a gente não teve resposta ainda e tá faltando menos de um mês e não temos resposta ainda do transporte. O sindicato, gente deixou um ofício lá, mas não entregamos porque estamos esperando uma data definitiva se podia acontecer uma palestra lá, pra a gente já nesse mesmo ofício do transporte colocar a questão do espaço, pedindo ao sindicato um espaço pra gente se reunir. Como não tem essa data ainda a gente vai entregar o ofício, Maria, ao sindicato, pra ver como vocês podem contribuir o transporte da celebração. Ela vai fazer as alterações pra pensar em outro lugar porque a palestra não tem nada definitiva.

(padre) Hoje a gente pode definir a data.

(Rosa) E aí vai entregar o ofício essa semana e vocês vejam. Eu mesmo to preocupada porque to achando que a prefeitura não sei se vai contribuir, quando eu falei já colocaram dificuldade essa coisa dos motoristas que tão cansado, oito dias depois das eleições, não sei que cansado é esse né. Então, mostram um pouco de dificuldade.

(alguém) o cansaço da grana.

(Rosa) sexta-feira eu vou pra Monte Santo pra cobrar essa questão do transporte pela prefeitura. E estamos aí né, dizendo ao povo, vamos começar a se organizar pra ir pra celebração e se tiver transporte a gente vai, né. Pra num deixar pra cima da hora, depois que conseguir o transporte dizer vamos se arrumar pra ir pra celebração. Então tá nessa situação o transporte. A data foi de 7, 8,9 já foi colocada.

(padre) É de manhã, como a gente tá tentando e tá dando certo na igreja porque tem sombra e tem um espaço que é a própria igreja e a igreja do povo, então eles se propuseram de fazer a reunião lá. Vocês viram que deu aquela chuvarada toda e de manhã ali é muito bom. Continua, Rosa. De tarde lamentavelmente o prefeito de Cocorocó foi dizer pro Flavio Paes, o cantor amigo ao nosso que vocês conhecem, ah que o movimento não mandou os ofícios, as coisas. O ano passado foi mandado, foi pedido e ainda vem aquele sujeito nojento com aquele carro de som, com microfone e querendo ir embora meio-dia, como é que você vai fazer uma cantoria com vários cantores com um microfone só?

(padre) E não pagaram os coisa, a gente teve que resolver, Paulo Macedo me deu 100 reais. Então não adianta pedir nada aquele povo do Cocorocó, porque realmente não sai nada dali, a gente tem que ver como é que faz, mas é lamentável que um movimento não consiga sequer o dinheiro pra ter um caminhão e esses cantores poderem cantar, porque eles não podem se apresentar, que é muito importante a apresentação de vocês, apresentarem suas músicas, suas canções que são inclusive do movimento, grande parte delas.

(padre) então, a situação tá assim, se conseguir som se faz esse jeito e se não conseguir faz do jeito que é possível como se fez no ano passado. Essa é a situação, não se sabe se a gente vai conseguir algum dinheiro extra. Mas como parece que

Antonio Conselheiro não quer que a gente pegue dinheiro pra celebração, então já tamos acostumado a fazer na marra e vai ser feito na marra.

(alguém) Se não tiver alguém que pague esses transportes a gente não vai poder ir, né.

(padre) O tema da celebração, olha só. Quando eu cheguei eu já tinha conhecido muita gente nas capitais, gente que depois vai ser do PC do B, do PT e tudo mais. Então a gente conheceu muita gente e depois chegou aqui fazendo o trabalho de vocês participarem, então foi muita gente que se envolveu nisso, na política, o próprio partido do PT recebeu muitos benefícios através do voto, mas já 20 anos atrás a gente dizia que o pessoal do partido estava largando a luta concreta e querendo apenas o apoio a igreja. Não é que não quisesse o apoio da igreja, mas o partido tem que ser feito com a luta do povo, partido dos trabalhadores, camponeses, operários, etc, etc, já naquele tempo eu desconfiava que se esse partido ia continuar cada vez mais apostando numa linha de trabalho que não fosse a luta concreta, isso não podia dar certo. Taí o resultado e como se chama isso, emburguesamento. Ou seja, o Enoque usa roupa assim e só ver o melhor pra ele que ele quer vestir terno, ele tinha compromisso antes, só foi ter emprego melhor, já quer carro, que casa boa e a luta vai sendo abandonada e o resultado é esse que tá aí.

(padre) O tema da celebração desse ano que eu até disse que não tava querendo fazer pra não mexer nessa caixa de maribondo, era conjuntura nacional e fazer um grande questionamento sobre os partidos de esquerda, principalmente ao PT. Que de qualquer forma, tinha o presidente que era do partido, tinha a mulher que é do partido, mas pra não mexer nessa caixa de maribondo e também muita coisa no Brasil que ainda não tá definida eu preferi recuar. E o tema então é esse elemento tão importante, o prefeito, o texto da celebração é o prefeito. Graças a deus que o sindicato vai fazer, o sinai, de que é que fala esse texto, algum de vocês já tem, alguém quer falar, Rosa, Antonio, o que vocês acharam, fale aí pro pessoal.

(Antonio) É basicamente o que a gente vivencia aqui, né. O relato aquilo que tava dizendo, o texto do tema é uma porção de pergunta que a gente faz constantemente, todos os dias. Porque que não acontece, a questão do administrador sabe das coisas como funciona, pode fazer só que não faz. Aí quem vive mais dependente disso, gente na ponta tá lá no campo, o trabalhador em si, as organizações, a cidade como um todo e todo território dela que padece por conta dos caras que chegam lá no poder e passam ser o prefeito, manda e faz do jeito que pensa, não vai busca o meio do povo.

Porque que esse povo mesmo que tá precisando, como eu já tenho bode pra criar e vou criar boi. Então, precisa saber do povo o que ele precisa pra poder administrar direito. E aí o tema mexe muito com essa questão, chega lá, agora, por exemplo, nesse período a gente pode até citar, nesse período agora tá todo mundo parecendo um santo, você vê toda hora, todo dia até aborrece. Mas na hora que passa eleição que se torna prefeito, ah menino, vai no município 10 vezes, mora em outro canto, por acaso e aí como se resolve a situação senão vai conversar, é esse tema que tá aí. Tá sempre questionando, se fizesse assim, a coisa não tava do jeito que tava, mas faz assado e aí fica tudo o contrário.

(Rosa) O tema é muito fácil pra compreensão, até porque Antonio já falou porque ele tá ligado a realidade da gente porque acontece, há muito tempo. Desde que a gente iniciou esse trabalho, se existe mudança hoje entre nós, foi por conta desse trabalho que deu origem a todos esses movimentos. Movimento de Canudos que surgiu de 30

anos da década de 80, foi esse movimento que deu origem a essas lutas que hoje a gente continua.

Frágil não é, de antes, mas que a gente continua com o mesmo espírito de luta e baseado os ideias de Canudos e de Conselheiro quando ele lutou com seu povo pelo bem, pela partilha de todos, pela luta contra seca que era a questão de construir açude, a questão da terra, de defender a terra para uso coletivo então hoje estamos aí e o tema hoje é o prefeito, essa figura tão importante, que deveria seria que e quem o empregado do povo, que se elege pra prestar serviço pra não brincar com o uso da coisa pública, do poder público e que hoje infelizmente a gente tá vendo, os jovens indo embora pra São Paulo, na verdade hoje tem mais de 30 pessoas fora da sua terra, uns foram pra Minas outros pra São Paulo, outros pra Rio de Janeiro. Enquanto o prefeito não dá oportunidade aos filhos da Terra. Em vez de dar oportunidade aos filhos da Terra, ele usa o dinheiro publico pra trazer gente de fora, aí diz aí porque é preparado pra trabalhar, às vezes nem . Às vezes a gente tem profissionais aí em vários setores que não são preparados, mas traz pra cá, em vez e dar oportunidade aos filhos da Terra pra trabalhar. Então o tema é muito interessante, é por isso Enoque, que eu disse que mexeu, né. Mexe porque é a realidade que tá aqui dizendo até se pergunta, se questiona, sempre a gente tá se questionando a forma como ele lida om a coisa pública, que é o bem do povo, o patrimônio do povo a coisa pública.

E aí eles brincam com essa coisa pública, porque a gente tá sabendo de que forma eles brinca e a brincadeira é pra se enriquecer e nós estamos nesse período muito terrível que eu to achando, que tá acontecendo, pode ser que nos outros também. Os prefeitos das cidades do nordeste e da Bahia, tá acontecendo e aí o tema do prefeito e ainda completa com o desafio da coisa pública. Então é um tema muito interessante pra gente questionar, reunir, debater e ver de que forma que eles estão lidando com essa coisa pública. Que o caminho seria outra, usar coisa pública para o bem o povo porque é um bem, coisa pública é o patrimônio do povo. Então é isso, tá muito fácil e também o texto fala de que forma a escola deve lecionar.

(padre) O que é um tema muito importante, a escola e essa infraestrutura do campo.

(rosa) De que forma a escola pode funcionar, a verdade que a escola deve ser pautada pra realidade do aluno e muitas vezes as escolas não estão usando isso. Então, voltando ao passado o quanto a gente construir de bom, aqui ta vendo olhando pra essa barragem, a primeira barragem foi construída pela luta do povo, então aqui tem uma estrutura graças a essa organização do povo, que foi plantada pelo trabalho, se na parte da estrutura do município por conta desse trabalho que deu essa origem, né. A principal coisa foi lutar para que o povo ganhasse conhecimento, quando chegava aqui Enoque na década de 80, como era Monte Santo, será que o povo entendia. Parecia que tudo era normal, né. A enganação era normal, o analfabetismo era normal, que a seca era normal, mas que através do trabalho que se acordou. Foi aí o trabalho do Movimento de Canudos que abriu nossos olhos, aí deu origem a luta dos sindicatos, que tomou das mãos dos políticos. Deu origem a associação, que tá se sustentando né, eu sempre penso, se não fosse a associação como é que a gente taria né, porque a gente tá com o mesmo espírito, foi ele que dei origem a essas lutas e nos tamo com esse espírito, mas que as pessoas se debandaram e o movimento ficou frágil, né,mas ta ai com esse espírito e do passado mudou muita coisa hoje, graças a nossa organização e aos governos que entraram. A partir de 2003 as coisas mudaram, o sertão mudou. Não é ainda o suficiente, não, mas muita coisa mudou, você chega na roça hoje e todas as famílias tem uma cisterna, que programa foi esse que fez? O programa água para todos do Governo Federal. Se tem outras coisas, né, a questão da água, da energia, hoje todas as comunidades tem energia elétrica, pelo programa do governo federal, muita coisa

mudou, hoje você chega na roça e quase todas as famílias tem um banheiro, com fossa e tudo né porque as coisas mudaram. O povo teve mais condição de melhorar sua situação, toda casa tem sua geladeira, por conta dessa mudança que houve no governo federal e a gente já tá entrando na questão governo, tem que voltar pra questão celebração. E aí infelizmente hoje nós conseguimos tirar nossa presidente Dilma que foi a que deu continuidade ao projeto de Lula, projeto de mudança, projeto de transformação da classe pobre, infelizmente isso aconteceu.

(padre) como é que essas mudanças de Geraldo está interessado em ver como era antes e as conquistas que vocês tiveram, você quem acompanhou.

(Maria) Bom dia a todos e a todos, como você já me apresentou eu sou Maria, sou aqui dessa comunidade, na qual fiz parte do início até hoje e tenho outros companheiros que fizeram parte com os outros companheiros e faz e tem tantos outros eu tava até fazendo uma lista em casa e 18 companheiros que fizera parte dessa história já faleceram, então isso nos que temos hoje devemos a nós que somos vivos e participamos e também aquelas pessoas que não estão mais entre nós e que foram os guerreiros pra que a gente pudesse ter tudo isso que nós temos hoje. Baseado de 88 até 2002, com certeza nós era muito mais comprometido com a própria luta, com a participação, nós fazia com que o nosso povo e geral participasse porque as coisas ainda em muito difíceis. Quando as coisas ficaram mais, a gente começou receber as conquistas do que a gente tinha lutado, a gente foi também um pouco se dispersando.

(Maria) A primeira coisa boa que aconteceu foi a visão do Enoque que fez com que a gente dissesse de fato que a luta era importante porque foi quando a gente viu que as comunidades levantaram porque não aceitavam mais o momento que a gente tava vivendo de tanto sofrimento e fez com que as comunidades fizessem esse avanço e a gente permanecesse um movimento, apesar do sofrimento a gente era um povo, era e somos porque a necessidade, vou falar depois, vai fazer com que a gente volte a ser esse povo que a gente já foi se as coisas continuarem como estão. Então aqui as primeiras barragens que foram construídas na época do Valdir Pires, que pra nós tomou foram 6 barragens, que pra nós na época de grande porte porque a nossa aqui mesmo foi 529 horas de luta pra conquistar e muito mais luta ainda pra que a gente pudesse fazer com que essas horas fossem construídas. Do qual, na primeira seca que teve a gente essa barragem deu sustentação a 17 comunidades, que todos nós aqui sabe da história como foi isso aqui. Foi a primeira vitória grande de participação que a gente teve aqui nessa região que foi a construção dessa barragem.

(Maria) Depois veio da necessidade de reunir que era na casa do amigo, que nem todos aceitam porque o poder político da época era muito forte, o poder da igreja, da nossa igreja era muito forte depois que o Enoque saiu e aí a gente decidiu fazer umas cabanas, que muito incomodou aos políticos e as pessoas que eram contra o movimento e aí a gente acabou perdendo a nossa tribo que foi queimada onde hoje está construída a sede da associação, que foi uma luta dos trabalhadores. Era e é uma luta que ninguém parava, então todas essas conquistas que a gente tem hoje eles são que o povo tem, nós temos tudo de bom hoje ele não nasceu 2002 pra cá, foi uma conquista de 80 até essa época que a gente tá recebendo e hoje nós somos comunidades não organizada o movimento, mas reorganizada em benefícios porque todo lugar que a gente chega hoje, graças a Deus, nós temos cisterna, energia, que foi uma grande luta de 2002 pra cá.

(Maria) E também esquecemos muito a questão, tivemos várias lutas com a questão da terra, que nos sabia dos conflitos de terra, nós temos tantas comunidades que perdeu companheiros, então foram lutas que hoje tem suas vitórias nas mãos hoje tá aí, todo mundo com seu círculo de terra, mas nasceu uma luta nossa. Todos nós que estamos aqui hoje e os que já partiram, fizeram parte e fazem parte dessa história, não é porque as pessoas hoje não estão entre nós que estas pessoas devem ser esquecidas por quem nos ajudaram muito nessa luta.

Como eu já tinha antes, a gente nos preocupava a colocar nossos filhos pra participar do movimento. Eu e meus dois filhos e aí a minha primeira filha, ela com 07 anos e já participava do movimento, diretamente ou indiretamente, graças a Deus até hoje ela tem uma cabeça diferente porque eu fiz com que ela participasse e a gente fez muito essa coisa da própria família participar das coisas, principalmente nossa juventude e nós hoje precisa voltar a fazer aquele trabalho que já teve antes.

(Maria) Quando a gente perdeu a nossa presidente hoje, nós não perdemos hoje, nós perdemos no primeiro momento, desde as manifestações, digo porque eu participei e fui para três atos em Salvador, nós com o movimento podemos pensar no município de Monte Santo tem 22 mil votos pra Dilma, que foi alugado 3 ônibus e nenhum dos 3 que ia cheio, então isso já mostra que nosso movimento nós também temos da nossa cabeça. Então isso precisa a gente reverter essa história. Estamos vivendo esse momento de grande crise da perda da presidente e estamos vendo aí o que é que o nosso presidente hoje, ele já tá entrando nos direitos dos trabalhador. E esses direitos que a gente conquistou, se nós sociedade não voltarmos a reunir, nós 10, nós 12, nós 20, esses direitos vão escapar da mão do trabalhador. Não vamos pensar que se ele leva de fato pra que seja aprovado no congresso e no senado não vamos pensar que é coisa boa pra nós não porque é resultado político. Vivemos um progresso e estamos tendo no sertão e estamos indo pra aquele caminho, ou volta ou perde. Então pra nós aqui hoje é muito bom que a gente volta a essa discussão, somos velhos da onde? Eu acho que nós não somos velhos porque não estamos adormecidos, nós somos vivos. Vivos pra dar continuidade a esse ponto de partida, que a gente teve e que a gente tem.

(Maria) Fracos, não sei também posso usar a palavra fraco, acho que às vezes nós somos um pouco desarticulados, mas fracos não. Porque aqui tem pessoas que vem de outras comunidades e não estamos fracos, Nós estamos precisando fazer com que nós de grupe d novo porque a certeza é que ou nós volta ou aí então aí sim, nós somos fracos e estamos derrotados essa história de que. Não estamos derrotados nessa história porque pouca organização existe, mas existe.

Que nos saia daqui mais encorajado e com certeza que somos pouco, mas desse pouco alguém ainda não quer que nós levante a voz, porque nós somos capazes de fazer com que a luta volte como sempre. Então pra um primeiro momento era isso e saber que graças a Deus que a vida no campo melhorou muito. Se em 2002 pra cá a conquista foi feita.

(senhor) A luta que nós tivemos e chegamos ao poder, com o presidente da República, a coisa mudou e mudou muito, tá entendendo. Então, administrou 8 anos voltou candidato, passou 4 foi pra reeleição e se reelegeu com 54 milhões de brasileiros e porque nós ve hoje eu acho que tem muita coisa perdendo assim no meio de nós todos. Se nós não voltar, retomar. E o primeiro lugar é organizar a turma e partir pra cima pra ver o que o sistema vai fazer. porque eu assisto a televisão e a programação do tema é acabar com nós. Porque acabar com nós?

Porque os deputados ele subiu o salário, senado ele subiu o salário, os ministros eles subiu o salário e os nossos, cadê? Que não subiu... O que eu não entendo é que a luta nossa foi boa. Que tá ali na nossa frente foi um negócio sério, que nós já temos esse município, eu andei por Juazeiro, eu andei por Petrolina, eu andei esse mundo

tudo, tá entendendo, mas as coisas foi, mas a gente vai tá vivo pra se Deus quiser o povo precisar...

(Aguinaldo) Eu também acho o seguinte é admissível a gente não relatar o passado de uma maneira vou lhe dizer assim, elegante. Porque antigamente eu quando era criança fui um dos fundadores desse movimento e a gente começou lutando pela escola que não tinha naquela época, o passado, a gente recorda com exaltação porque a gente era muito humilhado naquela época. Além de não ter sala de aula pra estudar, a merenda deixava vencer pra comprar o voto de eleitores pra voltar pra eles. E era vencida a merenda e aí oferecia isso.

Eu relato com muita honra de dizer é admissível a pessoa estudar pra ser médico e fazer uma coisa dessa, de uma população. Então por isso eu tenho muita honra, Enoque tem uma letra interessante e relata muitas crianças que vão brincar na rua na minha época pra ver o céu. A gente cantava o espírito de paz, era o ideal das crianças de Canudos e de Antonio Conselheiro. Que é a liberdade espiritual de paz sem estada ofensiva da maneira que nós era ofendido e humilhado. Mas mudou também da nossa luta, mesmo quem não aprendeu a letra A aprendeu de outra maneira e fomos ultrapassando os limites e é com muita luta que aconteceu a transformação porque se a gente plantar, cada um de nos aqui fizesse uma experiência de plantar um feijãozinho, um grãozinho de feijão e nascer e brotar uns três ou seis caroços é sinal de vida. A mesma coisa é o sinal de vida da quixabeira que vai buscar a água lá no centro da terra na seca. Eu acredito muito na transformação, tiro por mim, porque através dessas lutas, de muitas coisas violentas, veio coisas boas também. Apesar que não foi administrado com mais coerência, mais segurança, mais responsabilidade pra juventude hoje poderia estar num patamar mais interessante, mais produtivo, mas através da aliança do poder, intelectual e legal, transforma isso, mas numa coisa que eu tenho pra dizer pra vocês...

Eu tive aqui até os 18 anos, estudei até a quinta série, claro. Mas graças a Deus eu tenho orgulho de ter saído e partido pro mundo e ter pisado em lugares onde o povo é oprimido e também partiu pra periferia, nas favelas e andar e ter a comunicação com essas pessoas tanto faz o lado B como o lado A e ver o sentido da vida e o que traz marginalidade, a destruição moral das pessoas. Então, hoje mudou até a paisagem, através de um espírito de luta, muda. Porque antigamente não tinha uma barragem, hoje a gente tem, quem foi que colocou aqui pra gente? Foi através da luta que cada um de vocês e de nós tem a possibilidade, lutamos pra ter esse armazenamento de água aí e tem aqui, tem na Lagoa Bonita, em vários lugares. Isso é só um símbolo de luta e sinal de vida dessa luta porque deus mandou a água pra estar aí, a gente ver essa paisagem.

(Aguinaldo) Então, eu acho a tortura é um símbolo de não só o que a nossa presidente passo na ditadura, mas a tortura maior que ela passou acho que foi agora. Uma das torturas imperdoáveis, assim de um lado do poder. O homem, por mais que ele tenha a espiritualidade humana de Deus, ele tem que ter a consciência que a costela dela saiu pra transformar numa mulher, ele tem que ter carinho e ter o respeito e dá força. Ali na Alemanha tem aquela ministra lá e aqui, não é querer dizer que eu to fazendo isso querendo dar valor a Dilma, eu vejo a realidade e os produtos que poderia estar mais efetuado e com mais tranquilidade pra poder nós cantar hoje, as crianças vão brincar na rua pra ver a lua e pra ver o céu. O céu do amor, o céu da paz, o céu dessa vida pra nossos pais. Isso me maltrata, esse clima, mas o objetivo, do ideal das crianças de Canudos, não era só lutar pra ter bem materiais, não sim. Mas sim, honra e glória e a dignidade de ter liberdade expressivamente, tranquila com paz.

E eu sinto que de cada...nós não tamos fracos, eu não me sinto fraco e nem me sinto derrotado, eu me sinto mais forte ainda porque por mais que a gente sofreu e nós estamos sofrendo ainda, mas através da nossa fala minimiza as consequências do

projeto de terror. De pessoas que pega o próprio funcionário, um grande presidente que pega, passa horas pra torturar aquele funcionário e dá remédio pra tortura pra depois dizer que o cara tá maluco pra ninguém acreditar, isso pesa e por isso eu digo mais uma vez, eu sou fã de todo mundo porque além disso, tem uma letra, l'vete tem uma coisa, Deus não perdoa. É tanto que se Deus perdoasse esse cara estaria no auge da fama também, mas hoje ele tá no auge da fama como quê uma derrotado. Eu vou me sentir derrotado, não vou me sentir derrotado. Por isso eu digo cada um de nós não vamos desejar o mal, nós somos espelho e exemplo da nossa luta e é isso. Todas as religiões tem um nobre da força popular. Não me acho muito fraco não.

(homem de chapéu) Eu gostaria de dar bom dia...

(padre) O Aguinaldo tá parecendo um filósofo. Só pra vocês que estão aqui hoje, o Aguinaldo era um menino desse tamanho que quase não falava pra ir pras reuniões, mas você veja o desenvolvimento que ele tem que parece um universitário falando. Pode falar...

(homem de chapéu) Então, esta banda tocou e ela vai ter que tocar porque a gente gritava por justiça, amor, paz, não é verdade? E nós não podemos dizer que não vimos e vimos. Tamo velho, porque. Nós somos falado aí, na visão de Enoque foi adonde onde a gente poderia mais ficar triste, nós fiquemos mais forte. Em Monte Santo levando pro Senhor do Bonfim levava pelo teto, não, arrastado pra aquele mar e nós trouxemos ele pra Monte Santo então eu afirmo que o nome dele é Padre Enoque, ele não esquece aqui nas nossas comunidades quanto a de 80, qto as do vizinho até sair na vara.

Eu digo assim, companheiro, vamos chamar por Deus e vamos ficar forte, onde terá 2 ou 3 tudo pensando num sentido só a coisa muda e vai, não é verdade. Fizemos que fizemos com a presidente, eu não gostei, eu queria que ela tivesse a possibilidade e se ainda existisse homem nesse mundo, meu deus, eu não tenho o que dizer porque nas mãos do poder que tem grandes pessoas que estuda e tal, não podia fazer isso. Deixava pra mim que sou analfabeto, nasci na roça, me criei na roça. Não estudei, não tenho diploma nenhum e a gente tá vendo que não pode acontecer uma coisa dessa, então é isso que nós teremos que falar, reclamar, eu queria que dissesse que hoje aqui Enoque você tivesse uma outra pra votar. Se eu pudesse eu dava três votos porque eu não tenho desconfiança e sei do projeto de Lula e de tantos que lutou que nem Enoque chegou aqui em 80, 81 e nunca saiu da nossa região, graças a Deus, taí. Poderia estar mais perto da gente, mas a gente sem querer, mas a gente tem que falar a verdade, a gente esqueceu, não pensemos como irmão, como filho, não é verdade?

Então, meus amigos, eu quero resumir aqui pra deixar espaço pra vocês, nós não pode baixar a cabeça porque e lembro muito aqui que se fosse pra Muquem nós tivesse aqui em 80 referente aqui a barragem a gente dizia assim: quem foi ontem e tá sendo to falando do município de Monte Santo, minha gente, foi Lula que trouxe essa riqueza pra nós, que antes que nós tinha, ninguém teve a coragem de sentar da cadeira da presidência e dizer eu vou tirar aqui uma gotazinha pra mandar pros trabalhador como a gente. Eu me sinto feliz, meus amigos, eu estou com 74 anos e sei que vou viver a vida que Deus me deu. Eu não sou veio não, porque se eu morrer hoje tem meus filhos, tem meus netos, tem tanta gente que a gente fica feliz, então não vamos baixar a cabeça, chamar por Deus, vamos gritar forte pelo nossos direitos e é isso que nós ganha com essa força e essa união e Deus lhe abençoe, Enoque e todas as pessoas que estão aqui, nós tamos de parabéns. Pra mim nós tamos tendo

uma assembleia com mais de mil pessoas porque o sentido é nós buscar quem tá lá, quem tá aqui não pode vir e Deus abençoe o padre. (aplausos)

(todos cantam) Deixe-me viver, deixe-me falar, deixe-me crescer, deixe me organizar. Quando eu vivia no sertão...a carne era pesada pra levar. Maria do Sertão...Deixe me viver...A luta pela terra gera pão...Deixe-me viver. Canudos se espalhou pela pais, embora os tubarões queiram morde...O povo organizado vai vencer.

(Mariana) Eu me alegro muito de ver que essa semente como Canudos não morreu, que tem plantadinha, guardada aqui, mas eu sempre digo e eu tem uma coisa que vou dizer comparando com nossa vida no campo. Nós temos uma safra grande esse ano, aí fechamos o preço caro, como foi no ano passado. Aí vem pra 100, 80, 90 reais, num passa disso. Ai não vou mais plantar, pra vender um saco de feijão pro 100 reais não compensa, mas eu quero se ano que vem, se Deus mandar chuva todo mundo não a investir na roça. E assim eu sempre digo, é bom quando a gente tem esses apertos porque nasce a coragem nasce a força da luta e eu guardei muito bem uma coisa, que ninguém vai roubar de mim. Acabei a dizer de um candidato de vereador que passou em casa, ah mas voto se muda na hora. Eu disse, mas o voto de quem quer queira que mude, o meu eu tenho palavra. Se o ser humano não tem palavra pra mim não é nada, se eu decidir que vou votar em alguém eu vou votar em alguém e pronto, pode chegar 1 milhão de reais e tó pro seu voto, meu voto é o preço da minha dignidade. Não tem preço. (aplausos)É isso que eu tenho passar pros meus filhos e pras pessoas amigas, entendeu. E é essa consciência é o que sempre digo. Quando vai político em casa meu chãozinho é feio, meu cimento tá quebrado, é feio, não se bota uma cerâmica, mas nego entra pisando em ovos porque graças a Deus, se Mariana tiver precisando de 100 reais pra comprar um remédio, primeiro vai bater na porta dos companheiros. De que bater na porta dos políticos, aprendi. Não estou na sua presença te bajulando, não Enoque. Digo por aí, aprendi essa consciência, nessas reuniões.

Tem que ter, tem que voltar a peleja nós vamos a luta e foi isso aí que aconteceu no governo Lula, aquilo que Enoque já dizia, que muitas vezes eu me enfurecia, Enoque não é a favor da gente. Mas é aquilo, pessoas não preparadas que tá pensando em si, foi isso aí que derrotou, entendeu. Chegou a isso que chegou. Pessoas que põe num galho, no outro entraram cheio e defasou a situação e às vezes com quem nem deveria porque eu digo qual foi o pecado de Dilma, foi pega uma coisa que era nossa e repassar? E eles que fizeram conta não sei onde, sei lá até nos infernos e ainda se tem luta de não ser cassado, então agradeço pela minha consciência que tá aqui no meu coração, essa coisa linda a consciência de Canudos tem muitas dias que eu falei...

(Mariana) Você conhece Canudos? Não. Você já foi a margem dos rios Vaza-barris? Não. Você já olhou a história do povo escravo dependente que vivia nas cangas dos fazendeiros sofrendo, trabalhando, a escravidão tinha acabado lá atrás e eles continuavam na escravidão? Não. Então respeita, pelo menos procura conhecer pra poder você ter base se o que tá falando é verdade...To muito feliz aqui hoje, não tava sabendo, mas graças a Deus muito obrigada Antonio que me convidou e to aqui pra continuar.

Me deparei com político um dia desses e ele disse: eita que a eleição tá difícil. E eu disse o bom é assim, gosto de eleição que ganha apertadinho porque política que ganha com 5 mil votos de frente com 100 mil não tá olhando pra quem votou. Agora uma diferença assim vai ver se nego não vai correr atrás. Igual a nós, tivemos no paraíso, mas nos acomodamos aí quem não era bom entrou em cheio e levou de

novo o país quase a trasta da indigência, mas nós tamo aqui achando agora que vai ter que vestir quando chover pra não passar fome e é isso, né. Muito obrigada (aplausos)

(homem de chapéu2) nós temos essa esperança, nós ver o que aconteceu com Enoque, aconteceu com a Dilma, mas não vamos esmorecer, vamo botar o barco pra frente e lutar, que a gente tem que continuar. Tem que usar os braços e ter coragem. Nós vemo, eles tiraram era com a minoria e ela subiu com a maioria, mas o tempo vem derrubar eles novamente, assim eu espero pra presidência. A gente pegou benefício depois de Valdir Pires, Lula e Dilma, antes nunca o que se via era arroz, feijão, feijão co carne, só que receber o voto e trata o eleitor igual cachorro, não entende o eleitor como gente e nós ve que o Lula falou que ia dar de comer aos pobres, comprar coisas de qualidade pra se alimentar. E não arroz com carne e arroz feijão puro, pra colocar na mesa do cidadão. E aí tamo nessa luta...

(padre) Vamos ouvir agora a dona da casa histórica de Monte Santo. Nega tá trabalhando numa casa que recebe as pessoas da prefeitura, só que a maior dificuldade, tirando as coisas mínimas pra não ter aquilo que é necessário, o mínimo pra acolher as pessoas.

(Dona Isabel) Eu to aqui hoje feliz da minha vida, ninguém sabe a emoção que eu to sentindo por todos vocês e esse amigo. Porque eu não to andando pra lugar nenhum, porque além de estar com a asa meia pancada, to velha, cansada e tenho essa sede e queria que Deus me desse o poder, não pra eu escravizar, não pra eu prender, nem pra eu roubar e mentir. Era pra eu votar Lula e Dilma pro lugar que eles tavam. Porque eu tenho 82 anos, comecei a votar com 18 e ainda volto. E tenho uma dor aqui dentro, eu queria que Jesus Cristo me desse força de eu oprimir e prender também quem oprime. Porque no tempo da escravidão se compra um nego pra ir botar no trabalho e que era bem branco e pra minha neta ser escrava, a escravidão mai triste foi essa.

(Dona Isabel) Companheiros, a pessoa tem a mente fraca, uma criança de hoje faz a pessoa se irritar e sofrer e qualquer cosa é um infarto. E uma criatura que sofreu como aquela mulher sofreu, no Brasil gigante desse e ela guenta e sair firme. Porque nesse meio de voto, eu sei que votei até pro Satanás. Porque olha lá quantos anos eu tenho, de 18 pra 82 e votar duas, três, quatro vezes pra um infeliz só e no dia se votar pra outro ainda passa por fora do terreiro que não me diz. Então, de Deus abaixo, foi o homem de campanha pra fazer uma campanha e cumprir foi o Lula. E porque eles são frigidados com chumbo porque eles tem amor aos pobre. Porque eles querem ver os pobres na desgraça, mais e mais e eles mais grande, mas crescido.

(Dona Isabel) Portanto, o tribunal de Jesus é o tribunal do homem, em nome de Jesus eles vão pagar no tribunal de Jesus Cristo, conta por conta pelo sofrimento que fez. E agora se ele passar pro pente fino pra ele tirar o bolsa família das mães, pra ele tira os deficientes, os que são aleijados, mudos, surdos e doentes, eu quero ver como vai ficar esse Brasil, como vai ficar esse povo. Na mão de Deus que é ele quem manda mas a gente só vai até a altura que Deus quiser. Portanto companheiro, eu te digo, eu vendo o começo do movimento da gente, eu vendo um filme que ainda hoje passa, a coisa tá diferente demais, tá muito diferente e hoje ninguém gosta de ninguém. A segurança, ao menos eu que sou fina e covarde, eu deixo de comer meu pão se eu pensar no que vem a mim pra me pegar. Que mundo é esse? Então a gente tem que chamar por Deus e se lembrar, eu não choro mais porque não tenho lágrimas. Mas nesse mundo de Canudos a todos os lugares, como falado em Bonfim queimadas e tando nesses grupos tudo isso meu pai tava vendo. E porque hoje nós

não luta, porque hoje nós não organiza. Eu sinto, que hoje tenho neto, tenho bisneto e hoje mesmo ainda estão as professora levantando as coisas das escolas por causa de Canudos. E assim não morria, não. Não morreu se não acabou a vida, mas se tá vivo, tá vivo pra contar uma história. E a gente queria que esses jovens se mobilizassem no meu lugar e eu até com 82 anos ainda faz, mas é assim mesmo na associação, com fé em deus e a paz de deus nos projeta e tudo velho desse jeito, mas nós somos firmes e faz como diz eu to me sentindo jovem, pelo tempo da minha juventude não existia... Podia trancar a porta e dormir só, ninguém ia me mexer e hoje tá assim. Conforme lugares que sê vê passa e nós temos notícias até o filho vai atentar o pai pra roubar e isso faz medo, porque foi negócio contra a lei de Deus porque ele diz, no lugar dois ou três em meu nome é lá que eu estou, não é no lucro que a gente fique que o povo é pobre, fraco.

Fraco é o diabo que sumiu sem nada e a noticia dele sumiu, portanto a gente tem que lutar, tem que lembrar das suas tradições de veio, de tudo. As minhas histórias das primeiras campanhas, das primeiras viagens de Canudo eu ainda hoje tenho meus papéis, não leio porque a vista não dá mais. Mas eu tenho elas guardadas, só vai comer as traças com o tempo, mas eu não vou jogar fora, eu não sou louca, pra que isso, vou jogar fora, não. Eu zero meu papel do banco, alguma coisa, tudo que eu me sentir bem, a história que eu tinha eu tenho elas guardada na memória e no meu coração e na minha mala. E quero dizer a vocês, vamos nos organizar, vamos nos unir, perder um filho, um irmão, um amigo, eu me relembro que eu era desse tamanhinha era mais fácil eu pegar esse pão e deixar aqui e às vezes uma coisa que me marca, não esquece nunca.

(Dona Isabel) E vou dizer, só saio dessa luta quando Deus me tirar, a gente tem companheiro mais velho, tem aquele ali que gosta de me visitar. Então, qualquer um deles a gente tem que se lembrar, não esquecer, primeiramente de Deus e segundo das suas coisas que lhe serviram e lhe fizeram bem outrora, tem que dizer aos amigos, as crianças, tem que procurar pra eu deixar de memória de lembrança, porque você trabalha 20, 30 anos e eu daqui não tenho nada. É claro que tem. E se tivesse a organização não saia matado, porque quando você maltrata, quem tira um tira 10. Não sei se deu pra me entender, quem gostou muito obrigada e quem não gostou, perdão companheiro (aplausos)

(padre) A questão da celebração de como vai ser a atividades, o ofertório, as coisas da celebração, a gente planeja na reunião que vamos ter lá o sindicato na próxima assembleia, antes de sair a gente vai marcar a reunião. E esses detalhes da celebração, homenagem ao professor, aquele que faleceu e outros e outros que a gente deve lembrar como de costume. Depois do debate na igreja, a gente vai fazer esse debate nacional porque tem gente de vários lugares, de Aracaju, do interior do Sergipe, então a gente vai poder fazer um debate grande sobre essa questão do que tá acontecendo no Brasil.

Mas a gente, quando eu escuto o povo falar, seja aqui, seja em Salvador, as pessoas, colocam muito aquilo que o outro fez, o seja o Temer, o grupo dele. E nós crescemos aqui trabalhando nas roças e realmente a gente sabe desses anos todos, o quanto a gente se juntou e não tinha interesse que o povo melhorasse. Mas é preciso a gente também, nessa conversa sobre como tá o Brasil hoje, a frase que ela tá dizendo aí, que a gente tem que olhar pro outro lado, o que foi que aconteceu com o outro lado, que outro lado é esse, o lado do povo. O povo são vocês, as pessoas, o povo trabalhador, o que foi que aconteceu com o outro lado? Se aqui que houve um trabalho tão forte e tão intenso aquelas palavras bonitas do rapaz aí porque esse trabalho chegou a ponto dos homens vir aqui filmar, porque esse trabalho foi abalado nos seus alicerces?

(padre) Claro que teve a questão da retirada da minha pessoa, da Maria que ajudava a pagar as despesas da minha assembleia, do deslocamento, das coisas, teve esses

prejuízos. Mas mesmo assim, foi aqui, foi em Belém do Pará, foi em São Paulo, a gente tem que repensar que desse lado de cá também houve falhas. Eu fico perguntando por exemplo aquele conjunto na frente do mercado atual, uma imensidão de gente mora lá, uma casa ótima eu tive lá várias vezes agora, cadê esse povo, o que foi que aconteceu com esses beneficiados, seja nas roças, nos conjuntos, em várias do país. Então, falhou a impressão que eu tenho, falhou, inclusive por esse governo, que ao entregar esses benefícios tinha que ter vindo acompanhando de pessoas pra fazer esse trabalho que a gente fazia aqui sem ser pago pelo governo, sem ter dinheiro, sem ter ajuda quase de ninguém, foi esse trabalho que o governo Lula e agora mulher tem incentivado. Em cada conjunto habitacional como esse em Euclides da Cunha, como os daqui, aí tem que ter uma equipe que trabalha e fazer o trabalho que Enoque fazia, faz ainda. Então, esses benefícios do país inteiro, foi entregue, mas não houve esse acompanhamento, esse desenvolvimento da população, esse que tá nesse texto aí, foi uma frase de um grande líder da China tem essa frase que tá aí no texto é pra unir o povo. Ou seja, vieram as casas, as cisternas, a energia e um monte de coisa a mais, os hospitais, mas faltou aquilo que é principal que era elevar o nível do povo através da organização popular e tinha 30 e tantos ministérios. Eu não conheço na periferia de Salvador que eu conheço muito bem e nem aqui no sertão, 32 ministérios não tinha uma pessoa que tivesse nessa periferia ou nessas roças fazendo o trabalho popular, aquilo que nós sempre fazemos. Então, as pessoas perceberam que era muito bom, mas era preciso ter feito esses trabalhos paralelos e não permanente. E aí alguns de vocês apontaram aqui.

(padre) Que a impressão que dá é a seguinte, alguém espalhou uma comida ali naquele terreiro em vez de ir em tudo que é canto pra comer normal. E lá e cima da terra do abacaru, os gaviões tavam olhando pra baixo, olha como eles tão comendo, sentindo as galinhas, olha como eles tão se alimentando, mas os gaviões estavam lá, o carcará estava lá e qual o papel do carcará e do gavião? A gente sabe qual é? Mas os pintinhos, as galinhas tavam aqui e muitas vezes, em muitos lugares e situações não tavam prestando atenção que os gaviões estavam se planejando, que é o papel dele. Dos gaviões, das jararacas. O papel deles é atacar. Então quanto mais a população humilde ganha a parte dela em movimentos como esse no país dele foi afrouxando, a luta concreta tanto mais os gaviões foram prestando atenção como quem diz, acho que tá na hora da gente contra-atacar. O resultado foi esse, os pintinhos, as rolinhas, os passarinhos que tavam podendo comer um pouco mais, viver um pouco com mais tranquilidade e então os que tavam lá em cima disseram tá na hora de atacar. Eu acho que a grande batalha do povo brasileiro não é economia, não é emprego, não é distribuição de renda, enfim. Todos os grandes problemas que estão aí e prejudicam a nação.

O grande problema brasileiro se chama terrorismo eletrônico, televisivo. Isso tá no texto, aí. Essa violência dos videogames, dos filmes, das novelas, esse terrorismo que ele tá, apesar de que, a gente vê as entrevistas dos antropólogos que isso é ficção. Mentira. E já disse no texto passado, a grande batalha do povo brasileiro vai ser combater esse terrorismo. Porque que eu to achando que ele é o principal problema, é porque ele tá solapando e inferiorizando as favelas e qualquer padre, pessoa ou trabalhador que se meter a fazer trabalho popular, ela tá ameaçado. E também aqui nas roças também.

(mulher) ele tá criando um diabo nas famílias

(padre) Sim e impondo o terrorismo, a droga, tudo que não presta, então a primeira batalha será fazer que nossas televisões recuem pra que o povo possa ter tranquilidade que essa senhora falava com seus 80 e tantos anos e a gente poder se articular. Porque agora nós não temos só um inimigo pra trabalho popular, seja no

Rio de Janeiro, seja em Salvador, seja aqui. Nosso inimigo não é só falta de dinheiro pra nos articular, não é só a falta de condições econômicas, dificuldade de mobilização. O grande inimigo hoje vem desse terrorismo que tá associado a droga, a violência, a bandidagem. Então esse é o grande problema, consertando isso aí e modificando esse quadro, a gente vai fazer frente as grandes questões da economia, da política de tudo mais. Porque lá dentro não é coisa separada, lá dentro do congresso também tem de ministro da justiça dando documento pra liberar traficante, do supremo lá. Tem bandido lá dentro da mais alta corte e o Cunha ia tripudiando esse tempo todo e não mandou prender, só prende o pessoal do PT e d chamada esquerda.

(padre) Então outra grande batalha do pessoal que saiu do poder da esquerda, pra mim a grande frente de combate não é o congresso, a grande frente de combate se o PT no caso quer fazer uma frente de combate é contra aqueles ministros que estão lá porque são eles que tem o poder na mão de definir, você vai pra cadeia e você não vai. Olha o que a Vale fez agora em Minas, destrói até o mar, até agora essas empresas estão tripudiando, porque? Quem deu todo poder a eles foi o congresso? Não, eu to dizendo que o congresso não tem um poder fantástico, eu to dizendo que essa corte torgada que não gostou nada desses 12 anos da esquerda do Brasil, essa corte que deve ser sistematicamente combatida pelo PT e pessoal da esquerda. Pra prender todo pessoal do PMDB, do PSDB, de todos eles aí. Portanto, a grande batalha de vocês trabalhadores do campo é essa e ela não tá separada da batalha de eleger gente séria pro congresso, pra prefeitura, não são coisas isoladas. Mas primeiro impedir esse fenômeno moderno que está solapando os jovens, os velhos, os adultos, associado a essas igrejas de dinheiro, então é uma grande batalha e como vocês tão dizendo aqui pra retomar a peleja é exatamente isso, nós não podemos adiar essa peleja. Essa organização que o sindicato até certo ponto abandonou, que as associações, tem que retomar tudo isso. E agora fazer como a Mariana acenou, refazer isso e jogar pra frente essa força que o Aguinaldo colocou aí. É a grande batalha que nós temos que enfrentar.

(padre) Bem eu acho que a perguntar a Geraldo, a gente pode parar por aqui, mas eu queria a opinião de vocês três da equipe que veio pra cá, que vocês querem ouvir também, não só filmar, qual a opinião de vocês. Pode ser sobre o que pessoal falou, mas também vocês que moram em capitais, nos grandes centros.

(Antonio) O que tenho a dizer referente essa questão da...a gente conseguiu muitos frutos, inclusive de uma admiração até na gente próprio. Por quê? A gente juntou as forças do município todo, ainda nos conflitos que tinham na questão da terra que era principal e dos conflitos que tinha a educação, como Aguinaldo falou e jogou um monte de criança na rua, pra cima do prefeito e conseguiu alguma coisa. E na questão da terra, diga-se de passagem, aonde não teve alguém que se levantou contra essa interferência do povo que tava tomando conta tudo. E teve lugares que teve que enfrentar um trator que tava fazendo...e que vinha acompanhando com dois capangas, cada um com um rifle, mas foi 60 homens, se derrubar dois os outros pegos.

E aí lá naquele cano hoje, se dissesse hoje o pronome do Brasil é Amazonia o Brasil é aquela ponta, só tem fundo de pasto e lá tem de 15 mil de hectares soltos e todo mundo emendado, de algodão, barco, paredão, são gonçalo, flores, ventos. lá tudo caatinga, embora defasada por causa do tempo, que matou muita catinga o verão. A gente cuidando disso, defendendo, foi caro, porém essa organização que nós deu sustentabilidade pra conseguir. E a gente chegando aqui parou e consegui expulsar todo a grindagem que tinha de monte santo, os homens começaram a se recuar.

Porque, os advogados de Monte Santo e em outro lugares aqui do sertão, todo causa davam pro homens, toda causa era ganha. Aí a gente ganhou do outro lado, na base da força e da organização. E depois aí apareceu um do estado que mediu as terras e legalizou e a gente tem a documentação. Mas tem que estar atento a gente lá, hoje a gente tem que ter o cuidado pra preservar isso, é caro. A gente depende de um pé de umburana, qualquer pé de árvore a gente não pode roubar.

(Antonio) Mas voltando aí na questão da garantia de continuidade, ficamos bem, chegamos a presidência da república, vamos dormir. E aí nesse sono se esqueceu daquela velha história que é o que eu disse, os gaviões estão lá em cima da árvore. Tão quietos então a gente vai começar se articular. Existe aí uma fábula que a gente devia ter prestado atenção. Se o companheiro é certo, a gente vai ficar com um olho fechado e outro aberto, mas se ele não é certo e desconfia de alguma coisa, mantenha os dois arregalados. Isso fez uma fábula do caburé com o gavião, o gavião mandando o caburé cantar direito e com dois olhos fechados. E diz que o caburé que canta sol, sol, canta com um fechado e outro aberto. E o gavião querendo pegá-lo, disse pra tu cantar melhor fecha o olho. Aí ele diz, não, você não é certo eu vou é abrir o que tá fechado. Porque a história já nos diz, desde conselheiro que é a principal delas, não existe na face da terra a história de eu conheça, que tenha sido tão linda e tão brilhante como a luta do povo de Antonio Conselheiro que é esse nosso exemplo de defender a nossa raiz a terra e todas as coisas que a gente precisa pra se manter aqui. Foi feito do que, de uma elite brasileira, o clero, a polícia, o diabo a 14, o fazendeiro, contra o Conselheiro e sua gente. Mataram todos e agora nós conta nossa história. Acaba essa gente e nós conta a história do jeito que a gente quiser sobre ameaça, sobre issos e mais aquilo. E aí vem as outras coisas, as outras lutas, o próprio Lampião aqui do sertão foi o maior cafajeste da história pra elite. Lá vem a nossa aqui, de Monte Santo.

(Antonio) sobre a liderança de Enoque e essa corrente toda se junta aí a elite de Monte Santo, tem de Salvador, tira esse cara daqui de um jeito ou de outro, prende bate, mata, porque tiveram pra isso. E depois nós conta nossa história e esfacela todo mundo a gente ficou dormindo nisso. Enoque saiu da paróquia, mas ficou aqui ao redor, aí contaram uma história que Enoque que era cachaceiro, era isso, era aquilo, tanto coisa rum e a aí a gente deixa ele lá. Como foi dito aqui ? Conhece a história de Canudos, você foi lá já viu? Não, então porque você convive com ele, sabe que é assim? Não. Então porque se diz. E aí agora faltou essa questão, os gavião estão de olho e qualquer um que levante voz contra o sistema tem que estar preparado porque vai ser atacado.

(padre) vamos então rezar o pai nossa pra encerrar nossa parte e depois os três falam.

(mulher) Depois do almoço a gente retorno, como é?

(Geraldo) Não, a gente tá aqui à disposição, o ritmo, o tempo é de vocês, nós tamo aqui à disposição, podemos falar algumas coisas, mas a ordem e o tempo aqui não somos nós que damos não, vocês é quem dão.

(Antonio) Só tem uma observação, na frente de uma gravação desse tamanho ninguém se identificou.

(padre) para que a equipe tenha uma pouco mais de compreensão do trabalho que vocês fazem. Por exemplo. Tem a associação de lar...

(gerald) Uma coisa interessante que ele falou, acho que a gente deveria ter um plano que cada um dissesse o nome e nos permitisse depois ter uma identificação das falas

(padre) A gente pode se identificar agora aqui, almoça e depois do almoço a gente pega um tempo pra que a equipe tenha um pouco mais de conhecimento do trabalho que vocês fazem nas organizações de vocês lá. Por exemplo, na tapera tem um trabalho, a barra tem outro. A Maria lá no sindicato. Pra que a equipe tenha um pouco de conhecimento do trabalho que tá sendo feito nas associações. E agora tem a fala dos três aqui que vivem em capitais e tem muito mais noção do que estão se passando do que nós que vemos aqui do interior.

(Geraldo) A gente pode fazer a identificação agora. Cada um, bem simples. O nome e a fazenda.

(pessoas se identificam uma a uma)

(Geraldo) Eu queria dizer uma coisinha, muito pouca coisa que eu quero falar, quero falar o seguinte. Eu vi o companheiro Antonio aí falar dos gavião e dos caburé. Eu achei essa imagem muito importante pra gente entender porque eu acho que a questão não é apenas pela força da ação, pela força da cabeça da mente. Eu acho, que na verdade, os gavião pra usar um termo, ele não para nunca de pensar em como eles podem se manter no poder e eles tem a favor desse pensamento toda a ciência do mundo, todo conhecimento do mundo, todo sistema de pensamento, eles estão na frente da gente ,muito. Porque os grandes pensadores, cientistas, os grandes investimentos na educação, na formação das pessoas. Tem pessoas que às vezes tão bem intencionadas, mas não tem consciência Todo esse sistema de saber e de poder tá à disposição dos gaviões.

Os Caburés não podem fraquejar, não é apenas uma coisa da luta, do chão, tem que se superar na luta de pensar como é, o que deve ser pensando porque a vida muda, às vezes a gente fica fazendo um tipo de luta que já tá superado. Se a gente pensa como pensava nos anos 60, o mundo mudou porque eles mudam o mundo. Então, nos anos 60 a gente tinha um tipo de televisão, um tipo de controle que precisava de policia na rua, de exército. Hoje eles podem dominar por outras formas, como a televisão que é um tipo de dominação. E às vezes a gente não percebe e a forma de dominação é muito suave é muito prazerosa. Quem não gosta de ver uma novela, mas as coisas do gavião tão embutida dentro da novela e a gente não percebe. E a gente vê a publicidade e às vezes a gente até gosta, pode ter uma geladeira nova que a gente pode querer e a gente se encafifa nessa coisa, porque a minha tv já velha, porque aquela é nova...e aí entra tudo que vai desde o papel, até a geladeira que é o que o capitalismo bota a disposição.

Então, e a gente entra nisso e não percebe com esse tipo de linguagem, tá na verdade conquistando a gente, a gente vai se rendendo. Isso aí é uma coisa questão e a gente não percebe. Eu acho que em grande parte o povo se encontra nessa situação porque não despertou. Se encantou com o canto dessa coisa e não percebeu que o gavião não para. A vontade de poder e dominação e usufruir do bem material é infinita, é uma maneira de pensar o mundo. Achar que a finalidade da vida é você ter mais bens enfim, são frutos da riqueza e do prazer. E tem gente que pensa que o mundo não tá aí pra essa finalidade, não. Que a gente tá na vida é pra poder usufruir de outras coisas que tem muito mais valor que isso. Agora isso é uma luta, isso não se faz sem luta.

(Geraldo) E a gente esquece pra voltar a imagem que a gente parou de pensar essas coisas e ficou numa coisa que foi dos anos 40, 60, o mundo mudou, não é mais o

mesmo e eles exercem, foi quando no Brasil construir esse novo mundo e eles tem novas formas de dominação, e a gente não despertou pra isso. Terminou que caiu na armadilha. Acho que não é uma questão de força porque eles não precisaram usar força, exército na rua, não tem movimento pra enfrentar. Eles conquistaram sem usar força, usaram força da cabeça, da mente e acho que nós perdemos em grande parte por causa disso, a gente não despertou pra isso na hora certa. Agora que nós nos sentimos, na retranca, que levamos a golpe, tá na hora de pensar. Tem que pensar porque eles conquistaram o que eles conquistaram, eles tão hoje dono do poder e não elegeram ninguém. Como eles conquistaram isso. Acho que eles tiveram muito inteligência e a gente tem que ter inteligência. É preciso.

Não sou a pessoa, mas eu penso que a gente tem que estudar e pensar muito porque o tipo de luta mudou. Eles tão ganhando a luta com a cabeça e em grande parte com essa inteligência que tá na televisão e nas religiões que estão a serviço desse sistema, então a gente tem que pensar é isso. Mudou o tipo de luta, mudou o tipo de pensamento.

(alguém) Enquanto no sistema, as história que inventam era preciso ir no boca a boca, contra Dilma e Lula eles tinham a televisão, tem o zap zap, tem toda a imprensa, tem tudo.

(equipe) pra mim foi uma grata surpresa ver o nível da consciência de todos vocês aqui ao perceber um momento tão grave que a gente passando. Eu encontrei com a equipe e faz três semanas. E durante esse processo, passando por algumas cidades como o Mirante, foi o dia que a Dilma se defendeu. E em Conquista no dia que o senado nos roubou o poder. E a população tava completamente apática e ninguém tava se dando conta que um assalto estava acontecendo. Um assalto grave, institucional. Que o Supremo inclusive assinou embaixo. Destitui uma pessoa sem ter cometido um crime. E o processo admite o impeachment se houver um crime de responsabilidade, não houve.

Que história é essa, eles tão tirando da gente não só a nossa capacidade de sonhar e realizar nosso sonho, como a gente tava realizando. Estávamos juntos construindo um processo civilizatório nesse país e agora por vontade única e exclusiva deles, também refuto isso a uma crise de abstinência de poder. E eles que sempre mamaram no estado pra benefício deles, retomaram o governo e tão achando que vão ficar lá. Agora a crítica que vocês fizeram aqui, extremamente pertinente. Nós nos acomodamos, deixamos a chance com a rapadura e o queijo na mão. Mas a guarda que a gente não tomou direito, mas eu to realmente muito satisfeito de ver, eu estava com uma perspectiva que o povo está distante, não estava preocupado com a situação, mas eu saio daqui com a certeza de que não é assim que acontece não. A gente tem noção, tem capacidade e nessas eleições a gente tem que dar o troco no voto que é a nossa grande arma.

Eu adorei a fala dela, colocando que o preço do voto é nossa dignidade. A gente tem que ter essa noção, sempre. Eu acho que o senado apropriou-se dos nossos votos e decidiu por eles de uma coisa que pertence a vontade deles. A vontade do povo é outra. Se nós colocamos um governante por ventura ele errou, tem as eleições pra tirar, não é num golpe, numa manobra de gabinete, não é assim, isso é errado.

Também não pode concordar com isso. Não é ético. Sou de Belo Horizonte, mineiro, casado, pai de três filhos, ma trabalho com cinema, milito no cinema desde os 13 anos e sou documentarista atualmente, fotógrafo, produtor de cinema e já rodei esse mundo todo aí com os filmes e tudo mais. O Brasil que a gente construiu nesses últimos anos era um país respeitado no mundo todo. Hoje os assaltantes que tomaram nosso poder vão entregar nossa dignidade pra interesses que não são os nossos, dos gaviões.

(equipe) Tá lá o pré-sal que ia segurar dinheiro pra educação, saúde de todo mundo eles já tão vendendo e baratinho gente. Foi vendido um poço agora que valia 8 bilhões de dólares, venderam por 2, mas quem comprou por 2 vai tirar 2. E isso eles tão fazendo na nossa frente, na nossa cara. A gente não pode admitir isso. De novo, estamos voltando a uma condição de colônia. A Vale valia 120 bilhões, eles venderam por 3. Só em caixa tinha 15 bilhões, quer dizer a gente vai continuar vendo esse assalto acontecer e ficar parado, não dá né. Mas eu adorei a sua fala, ela foi extremamente pertinente, o preço do voto é nossa dignidade e é o voto que a gente constrói os nossos sonhos. E deixar que senador, são tudo bonito, não envelhece, cabelo pintando, parece que vivem num freezer e tiraram o voto de 54 milhões de pessoas. É brincadeira. Um programa do Uruguai fazendo chacota da situação nossa, quem é o presidente do Brasil? Era um tal lá, mas o programa que foi votado ele tá fazendo o oposto. O que a gente construiu de direitos sociais, de trabalho, eles vão se acabar o mais rápido possível.

(equipe) Eu sou espanhol, pra mim é um honra estar aqui e conhecer o sertão. Sou professor de cinema e documentário no Rio e amigo do Geraldo há 15 anos. E uma boa parte das minhas aulas são em base os trabalhos de Geraldo. O que eu esperava encontrar no sertão, não encontrei. E acho que esse mudança em Monte Santo, concordo com a situação é grave, eu tenho filhos brasileiros. Mas eu sou um otimista triste, mas otimista. E acho que o que já se tem nunca vai se perder. Educação que os próprios filhos vão brigar, como meu filho tá brigando no Rio, pra que essa história seja realmente democrática pra escutar a opinião das minorias e vai existir uma nova geração que tá se formando hoje e pra mim é uma honra, aprendi muito, não era pra eu estar falando, to aprendendo muito (aplausos)

(cantam pai nosso)

(cantam ave maria)

(Dona Isabel canta dentro de uma casa) Eu nasci com claro forte no tabuleiro do norte, no trovão que dá um corte, na nuvem da trovada. Me criei, tange no gado, no curral de zé machado, quando o gado era pegado no vaqueiro a mãe curava. Nasci com tanta vaidade, que fugi pra cidade, deixei meus pais de bondade. Sem me dar valor de nada.

(Dona Isabel canta outra canção) Eu vinha boiando com minha boiada, na beira da estrada eu vi alguém chorando. Desci do cavalo, cheguei do pertinho, era um velhinho, estava soluçando. O cabelo branco, mostrando a idade. Pergunte velhinho porque tá chorando? Ele respondeu com simplicidade é porque fui o rei da boiada, hoje não sou nada, choro com saudade. Meu jovem querido que estou te dizendo, quando ficar de velho de rosto enrugado, a vista cansada e o corpo cansado vai lembra da história do velho da estrada.

Eu vendo o que velho tava me dizendo, eu fiquei sabendo ninguém é ninguém, abracei o velho que tava chorando e fui viajando chorando também.

(Dona Isabel) eu tenho coisa de vaqueiro, tinha tudo escrito, mas levaram também.

(gerald) mas tem ainda ou jogou fora, vê se lembra mais alguma coisa?

(Dona Isabel canta outra canção) o meu amigo sente aqui, mas só beba se quiser, senão quer tomar cerveja toma uma pinga qualquer só quero desabafar. Agora vou te contar tudo sobre essa mulher. Meu amigo me perdoe por estar te alugando, sei que

está ficando tarde e o bar tá quase fechando, pode ir pra casa dormir que eu vou ficar aqui pensando nela e chorando.

(Dona Isabel canta outra canção) ei vaqueiro conta tua vida como foi. a vida se vai e a saudade fica, sua roupa ainda tem cheiro de boi. Se eu lembrar do cheiro da umburana verde que o cheiro da roça trazia. Só resta a touceira de um mandacaru, na ponta da estaca um chifre de vaca da raça zebu.

(Dona Isabel) quando eles vem pra feira, a professora da mazuca bota um monte de jogo pra aprender.

(gerald) E outras canções que não é de vaqueiro? lembra de alguma outra? canção de amor?

(Dona Isabel canta outra canção) Não posso respirar, não posso mais nadar. o peixe que é do mar poluição comeu, a flor onde que tá poluição comeu...

(Dona Isabel) tem um filho meu que ta aí, esse Manoel que ta aí, ele botava assim pra eu gravar esses pedaços assim tudo.

(gerald) E de Luis Gonzaga qualé que a senhora gosta? Canta um pouquinho só.

(Dona Isabel) Mandacaru quando fulorar na seca...

(gerald) mas tá ótimo, que a senhora cantou tá bonita.

(outra senhora canta uma canção) Mulher deixe de besteira, vamos fazer panela de barro pra vender na feira, vamos fazer um prato de barro pra vender na feira. Você amassa o barro e deixe que eu faço, bota lenha na fogueira e vamos cozinhar e depois de tudo pronto, vamos botar na feira que é pra economizar.

(senhora canta outra canção) Bate a enxada no chão, alimpa o pé de feijão, pra vencer a batalha precisa ser forte e valente morar no sertão. Tem que suar muito pra ganhar o pão, que a coisa lá não é brinquedo não. Mas quando chega o tempo rico da colheita, trabalhador vem da riqueza porque beleza traz família e sai pelo roçado cantando alegre lá no sertão. O sertanejo do norte vamos plantar o feijão, que o ouro branco faz do nosso povo feliz, tanto enriquece e traz pro nosso sertão.

(senhora) sou bisneta de índio, faço prato, panela 45 espécies de louça de barro, feito na mão, do sabugo do milho, serviço de índio. Faço a panela, a moringa, a colher, tudo que me encomendar eu faço.

(senhora canta outra canção) Boa tarde céu, boa tarde sol, boa tarde o mar, boa tarde o mundo, comece a cantar. Boa tarde você que é meu irmão, boa tarde você que é do coração.

Só entra no céu, quem for como criança. Foi Jesus quem disse, deixai vim a mim. Esses pequeninos, porque o meu reino é dos pequeninos. Se Jesus t satisfaz, bata palma, cada um no seu cantinho aperta a mão do seu vizinho e cante bem baixinho bata palma. Se tem paz no coração, levante a mão. Vamos todos abaixar e um sorriso vamos dar, fique de pé.

(senhora) ela é minha irmã e madrinha de crisma (falando de Dona Isabel). Eu tenho canto que fiz pra minha mãe. Tenho 18 filhos, morreu quatro.

(senhora canta outra canção) Se eu tivesse a minha mãe, assim como os outros tem, quando fosse adorar, eu adorava também. E eu perdi a minha mãe e só tinha 11 anos, fiquei triste e sozinha nesse desengano. Hoje eu tenho 18 filhos, pois foi deus que meu a morte vem e me mata meus filhos ficam sem eu. Uma mãe é pra 100 filho, e 100 filho não é pra uma mãe. Uma mãe cria 100 filhos, mas 100 filhos não cria uma mãe. Faz um dia que não durmo, só pensando em meus filhos que vivem todos no mundo.

(senhora) eu vou contar uma história, meu marido tinha uma rapariga eu falava com ela, arruma outra, com os tempos ela dormia na minha casa e eu dava de comer a ela, nunca fechei esse pedaço de carne dentro de eu. Tenho um monte de filho e eles até não gosta muito de mim porque eu sou bocuda e falo muito. Se eles querem se pegar eu entro no meio, eu tenho 74 anos, completei no dia do índio e sou uma índia arretada. Eu puxo uma enxada danada, se eu tiver pra plantar um prato de feijão que é 5 quilos, no dia eu alimpo. corto de facão, corto de machado, tenho minha cisterna, quem cavou foi essa aqui, mandei marcar e cavei de picareta. A minha história é grande, eu pari 23 partos, 19 foi normal. Eu nunca fui no hospital, nunca me deitei numa cama de hospital, nunca tomei um soro. Eu faço já de toda espécie de madeira, de folha, de raiz pra eu beber é o meu remédio. De vez em quando eu uso o remédio, às vezes passo pra saber da minha saúde e ele disse você tá ótima. Agora pra frente não vou ficar sem adoecer, sem morrer que eu não sou melhor. Mas até aqui, não, tive esses partos tudo e em casa e pra criar esses filhos, eu trabalhei os dias da minha vida, na enxada, cavando, arrancando muito embuzeiro pra dar de comer meus filhos. Mamãe morreu ela me deixou 5 filhos. Ninguém conhecia farinha. Meu filho mais velho tá com 52 anos, completou 28 de julho, ele me disse agora que veio conhecer bolacha, pano de verdade, com 18 anos. E criemos esses 8 filhos, quando me lembro disso pra nós criar, arrancando a raiz pra cozinhar pra eles, embu, nós não colocava açúcar que não tinha. Era comprado um quilo de açúcar pra criança menor do peito. Eu ficava lambendo e pegava na mão, pegava caroço de milho e fazia o fogo, ia pra roça parida em dieta em 8 dias, 10 dias, arrancava o mangalo, ou um fiapinho e raiz de aipim pra fazer a comida dos meus filhos. Tinha vezes que eu aprontava aquela comidinha, que tava com uma pessoa pra preencher o estômago e eu dividia com 18 filhos e cadê meu marido? não precisava comer, né? Eu fiz uma apresentação pra um missionário de Santa Catarina, ele se fez o meu filho mais velho, ele chorou pro modo dessa apresentação que eu fiz. Eu cozinhei um ovo. Fiz apresentação com a enxada, fui pra roça, coloquei uns trajes velhos. Quando cheguei trabalhando eu disse que a galinha botou o ovo? Botou, tá aqui escondido. Aí eu cozinhei, mandei pedir uma mão de farinha pra minha sogra e fiz 20 pedacinhos do ovo cortado num prato e a cada um de meus filhos eu botei no pratinho deles e um pouquinho de farinha, eu fiz isso. Mas gente chorou na igreja por causa dessa cena. Muita gente pede entrevista. Eu faço entrevista e se eu contar, vou contar esse caso chorando só. Fui pra serra subir a busca do cachinho pra eu chegar em casa, beliscar de ponta de faca e fazer no pilão um mingau pra meus filhos. E sofri essa Maria que sabe dessas rondas, eu sofri com esses filhos, sofri. Mas graças a Deus estou em pé. Hoje sou viúva. No dia 29, completa 2 anos que meu marido morreu. Me deu um chute, bora viver. E graças a Deus eu tenho muito filho, neto que virou formiga, bisneto. Quase que não alcanço, minha primeira bisneta começou a caminhar agora, uma vergonha. Hoje eu ganhei o dia, porque quando a gente é bem recebido dá vontade de dizer fica aí mais um pouco. Muito obrigada que vocês seja reforçados com a mão de Deus.

DIA 25

ENTREVISTA PADRE ENOQUE dia 25

– HD

Entrevista Padre Enoque

(padre) Lá pra baixo onde estava a cidade (apontado para paisagem) A cidade vinha descendo pra cá, por toda essa região, que naquele tempo chovia muito mais e o Vaza-Barris segue pra lá, nessa direção, disso aqui, vai seguindo pra lá. Quando ficou em 5% da água, a vez menos secou, em 1998, uma outra vez secou também muito, mas agora tá com muita água.

(pessoa) Mas da seca do ano passado deu pra baixar bem?

(padre) Foi seca na região, mas a trovoada não depende, é diferente, inverno é trovoada. Inverno é como se você fosse Salvador, aquela chuva de Salvador. Abril, maio, junho e julho pro milho e feijão. Mas essa chuva não chega em Uauá nem passa por aqui. Aqui é outro território, aqui é as trovoadas. Se não chover nas trovoadas, só chove no outro ano ou dois anos depois. (pessoa: ou três). Ou três anos.

(padre) Então aqui é que é o palco e todo cenário do resgate dessa história e tudo aquilo que esse investimento que envolveu muita gente dessa região, de outros estados, foi em torno disso aqui que foi feito esse trabalho. O trabalho coletivo la nos locais, em Uauá, Monte Santo, Tucano, Quijingue e aqui o lugar da representação da celebração, a primeira missa em 1984.

(pessoa) Aqui na Bahia quem foi que ajudou mais? Como instituição, a Uneb...

(padre) Que nada, a Uneb era contra quando nasceu, ameaçaram até a cercar. Eu mandei avisei que cercasse, pegasse, juntava o povo e derruba a cerca (alguém: foi algum intelectual) era o governo...

(padre) No caso da Uneb tem o Manoel que é nosso amigo, mas ele não tinha força de nada. O povo que começou a Uneb, pensar essa história de Canudos, a reboque do movimento, era o povo ligado a Antonio Carlos Magalhães, que era profundamente inimigo de tudo isso. Porque? Porque perdeu voto em todo região, por causa do movimento de Canudos. Em Mão de Santo perdeu 95% dos votos, se traduziu na eleição. Então nada disso eles queriam. Aí ameaçaram, só que a Uneb não tinha poder de fazer trabalho popular e nem queria. Como sempre tentava fazer o bloqueio das coisas através dos seus mecanismos de estado. Mas esse não era eficiente pra isso aqui porque o trabalho popular não dependia do estado.

(pessoa) Engraçado, que o pessoal daqui nunca dependeu né, desde Conselheiro.

(padre) Não, do movimento de Canudos. O Antonio Conselheiro também não dependeu do estado. Ele teve que ser independente. Mas os prefeitos todos aqui se reuniram pra combater e impedir. A primeira missa em 1984 aqui, nesse local. A rádio petrolina dizia lá em Petrolina, que é a rádio daquela família rica dos coelhos; será que o padre Enoque não quer outra guerra. As crianças vinham chorando em casa que os pais vinham morrer na guerra, não é brincadeira não.

(padre) A revista Veja com aquele reacionarismo dela colocou: missa herege. O jornal à tarde em Salvador disse em uma editoria anterior: missa preparando a guerrilha. Se precisa ver essa peça, que peça? (quem escreveu) O jornal? (eram dois, era Aurelio e tinha outro) Nós estamos em 1984 (84 mesmo, era Aurélio e tinha outro, um ligado ao Calmon e um ligado a aquele outro. Tarde era um jornal todo loteado, né)

(padre) Então, era uma peça, táí. Aí não sei se 2 ou 3 anos depois eu comentei num livreto em 97 no centenário de Canudo eu fiz o livreto e comentei essa frase só com duas frases. A Tarde passou anos e anos sem falar do trabalho por causa disso, só que agora eu vou falar disso mesmo pra valer no livro que eu to escrevendo e num é duas frases não. É o papel que teve essa elite baiana com relação a isso aqui. Cem anos depois. E o próprio...

(pessoa) O que é uma tremenda burrice. Quer dizer, cem anos depois, acho que mesmo perdendo voto aqui. Por exemplo, Conquista. Antonio Carlos Magalhães nunca entrou em Conquista. No entanto ele fez coisa lá e mesmo assim, não conseguiu. Pedral que era o cara do PMDB histórico. Pedral no dia que viu Antonio Carlos Magalhães, a vida dele acabou, nem vereador ele conseguiu se reeleger mais, mas no entanto eu acho que é uma burrice porque isso poderia ser... Tem um estrutura fantástica, parque delimitado pra turismo, pra resgatar

(padre) Resgatar já está. O resgate já foi feito, agora o que falta é fazer esse outro passo que é aqui entra o Estado economicamente, o empresário, a infraestrutura pra valorizar o que tem. Aqui a gente recolheu muitas armas, o povo recolheu e tudo isso foi jogado pra fora. Eu mesmo tinha umas dez armas lá na casa de Canudos, das grandes, o pessoal carregou, a menina não se preocupava com as coisas, o pessoal entrava lá e pega, roubava.

(padre) E depois, isso aqui é um lugar cobiçado hoje, não tem um hotel pros pesquisadores ficarem aqui, tudo. Isso aqui é um centro dos mais importantes do Brasil pela sua natureza e natureza cruel. O que se fez aqui é uma coisa inacreditável. Uma guerra que é Rio São Paulo que está disputando o poder e como é que você traz pra cá? Porque muita gente não diz como foi que isso veio pra cá.

(padre) eu aponto três coisas porque veio pra cá: passou por Salvador e vem pra cá, como é que isso vem pra cá? Primeiro Rui Barbosa. O homem que mandava no Brasil não era o Prudente era o Glicério, Francisco Glicério, um grande deputado de Campinas. Era o homem que mandava no Brasil. Então ele mandava recado em cada canto do Brasil dizendo, eu não quero fulano de tal de volta ao congresso. O Rui Barbosa que teve sua atuação fantástica como preparadíssimo intelectualmente, que o Sul do país até hoje tem muito ressentimento dele, toda vez que eu vou a São Paulo e Rio é um grande debate. Eles até hoje manter essa coisa contra o Rui, esse ressentimento, porque realmente é um cara preparado e os defeitos dele é outra coisa. E aí o Rui era um homem fortíssimo e que ajudou na primeira constituição brasileira. Aí o Glicério mandou dizer, mandou um recado, mandou um portador ao governo da Bahia dizendo que não queria o Rui de volta como senador. O governador da Bahia mesmo que não fosse um homem de muito prestígio nacional, mas corajoso aqui de São Francisco mandou dizer que não admitia intervenção na Bahia e que ele ia se empenhar pessoalmente pra eleger Rui e ele seria devolvido ao congresso nacional e foi uma razão da guerra.

(padre) Segunda, a Bahia tinha a maior bancada brasileira de apoio a Prudente, não era São Paulo, nem Rio, nem Rio Grande do Sul era a Bahia. Homens da mais alta qualidade

intelectual como J.J. Seabra, que depois vai ser governador da Bahia, que foi expulso pela ditadura foi exilado. Essa bancada dava muito trabalho as outras bancadas e em defesa de Prudente que o grupo do Rio, do Rio Grande do Sul queria derrubar e São Paulo tava fatiado. Então, a bancada mais forte de Prudente era da Bahia. Ai eles ficam com raiva do governo da Bahia, da Bahia como Estado e por isso a raiva, a segunda questão.

(padre) E a terceira questão é que o grupo de ultra direita, José Gonçalves, governador, os Viana queriam que o governador mandasse as bala pra cá e destruísse logo ele não mandou. E eles voltam para o governo e vira a casaca e por essas três questões a guerra veio pra aqui. Que os escritores, nem Euclides falam sobre isso.

(pessoa 2) Fazer uma sugestão, a gente daqui vai passar onde?

(padre) Aqui nós vamos passar perto do cambaio, olha lá, Coiqui. O rio tá aqui lado, passando por aqui e o rio tava vindo de cá, tá vendo? (apontando) seguindo para lá, para o Cocorobô. Vaza-Barris. E esse Geraldo eu vim pra ele ver como era a articulação das tropas aqui dentro, nós estamos a beira da cidade, do povoado. (pessoa: e o acampamento?) O acampamento ficou aqui, que era o lugar mais privilegiado. Senhor conhece muito bem, como ele podia ficar em outro lugar? Aqui era o alto da favela e tá nos livros, eu não posso admitir que ele tenha ficado em outro local.

(padre) Bora ver aqui a localização das tropas, viu Geraldo. Olha só, a fazenda velha tá ali é aquela monte lá onde te ma estrada tá vendo (apontando). Ali, até o dia 6 de setembro as tropas do Conselheiro saiu lá debaixo da cidade, do rio e vinha se colocar naquele local, o mais alto da fazenda tá vendo? Ali é cheio de pedras, onde tem pedras. Até 6 de setembro, eles pegaram as armas do Moreira César e jogava pra cá contra o exército e contra as tropas. As tropas foram por debaixo tá o emburana que tinha água, colado aquela fazenda, aquele terreno tem o riacho que passa aqui embaixo.

(Geraldo) Onde você tá falando é do rio pra cá?

(padre) No fundo ali, naquele que nós passamos e onde eu disse que o Moreira César tinha caído. (Geraldo: pro lado de lá?) Colado aquele montezinho ali da fazenda. O exército pegou...

(Geraldo) Depois do rio?

(padre) Não, no monte. Aqui neste monte, tá lá as pedras, tá vendo (apontando). O exército ia pra Canudo por esse caminho que nós tamos vendo e por dentro do riacho, colado ao Monte lá, da fazenda velha.

(padre) No dia 6, ali o povo do Antonio Conselheiro derrubou muitos soldados. No dia 6 de setembro que ele foi de noite pra, os militares foram 10 da noite, pegaram o pessoal dormindo, o povo do Conselheiro e tomaram conta. O exército fez uma grande manifestação de regozijo. Porque olha só, tava lá, pra o exército passar pra Canudo. ele tinha passar por aquele monte. Os dois caminhos do exército era esse caminho ali e o riacho. E povo do Conselheiro tava ali entrincheirado. E ali, eles pegavam, porque eles tão lá em cima. Quando foi nesse dia 6 de setembro de noite, o exército tomou aquilo lá e no dia 07 de setembro eles colocaram a bandeira da república e o povo do conselheiro só tinha a parte de lá. A parte que era a cidade para se proteger.

(padre) Tinha as estradas do lado de cá, tinha do lado de cá, tinha o rio, tudo isso era caminho que o exército podia se servir para atacar Canudos. A partir do dia 07 de setembro e

a partir daquele dia, o exército foi cada vez mais avançando pra dominar a cidade, até que no dia 02 de outubro ainda teve outro movimento, no final praticamente e aí pronto, conseguiram cercar e fazer o cerca gerar Canudos.

(padre) Mas em julho o grande combate de 18 de julho que morreram milhares de soldados e camponeses, que é o maior combate que o exército pensava que ia, no combate do 18 de julho, ia exterminar Canudos, não aconteceu.

(pessoa) Aconteceu quanto tempo depois?

(padre) nós temos em 18 de julho até 05 de outubro. Aí o que que aconteceu. O exército poderia depois ter recomposto as suas forças, isso aí é minha análise. E ter invadido. Porque o exército deixou até 05 de outubro? Não era pela força do povo do Conselheiro porque ele não tinha, quase a grande maioria dos homens tinham morrido.

(alguém) Mas ele resistiu até o fim.

(padre) Escute, só escute o fundo da coisa. Aqui o general estava recebendo as ordens do Florianista Jacobinos do Rio de Janeiro pra matar o presidente da República e tomar o poder. Eles não conseguiram em março, que era o dia 3 de março quando o César atacou aqui pra destruir Canudos. Foi derrotado aqui, como você deve saber, não é. Então, aí pronto. Desarticulou toda a expectativa no Rio de Janeiro. É preciso estudar isso pra poder não dizer que foi não sei o que, que foi isso, que foi aquilo, trata-se de uma estratégia nacional (pessoa) mas os caras vieram pra acabar.

(padre) não to dizendo que não vieram, desculpe.

(alguém) mas a resistência de 15 dias

(padre) 15 não, nós tamos no dia 18 de julho. Julho, agosto, setembro, outubro, quatro meses. Agora porque que o exército poderia ter trazido mais 20 mil homens, porque não trouxe? Trouxe um pouco mais e ficou aqui até esse período, não destruiu pra poder resolver o problema lá no Rio de Janeiro.

(alguém) mas também não podia mandar todo mundo pra cá porque o exército não era tão forte assim.

(padre) Se diz que veio metade pra cá. Procure ver o raciocínio, eles deixaram mais tempo aqui sem terminar a batalha, tanto é que a vinda do ministro da guerra pra cá foi porque o ministro da guerra percebeu que o Artur Oscar estava traindo as orientações do governo e do ministério da guerra aos florianistas jacobinos e não ao exército, tá correto? Então eles deixaram seguir mais um tempo pra poder ver se podiam matar o presente. Com o ministro da guerra vindo pra cá, a direção não pertenceu mais a Artur Oscar que era o chefe principal e aí ficou a direção com o ministro da guerra, logo aí orientou pra terminar.

(alguém) Mas ele deve ter vindo também com mais gente.

(padre) Não, ele não trouxe, se diz que veio depois uma outra expedição de menos homem, o ministro da Guerra percebeu o jogo político do Artur Oscar com o Rio e cada vez mais colocando em risco a vida do presidente da república. Ele é mandado imediatamente pra cá pra dar uma solução a isso, mas também não foi só por isso, o jornal da Inglaterra que tinha interesse no Brasil, da França e da Alemanha tavam exigindo que dessem um fim nisso aqui. Porque perceberam que o Artur Oscar como chefe estava adiando pro jogo político e não pra dar uma solução ao problema que era exterminar o pessoal.

(alguém) Uma curiosidade, essa cidade foi esboçada por quem?

(câmera mostra paisagem) pessoa diz: Edição. Canudos está no final daquela montanha, debaixo d'agua, no final da estradinha, no meio da água, no meio do quadro.

(o restante do vídeo são imagens e alguns comentários da equipe)

ZÉ DO JARDIM

(Geraldo) O encontro do pessoal tudo. O que foi aquele encontro?

(Zé do Jardim) Naquela cerca?

(Geraldo) Que você faz o discurso. Esse discurso tá gravado e eu vou mostrar pra você. Tá no filme e você vai ver agora aqui e você vai comentar ele.

(Zé do Jardim) Será que não foi esse aqui não? Aqui foi em Canudos (apontando para uma foto na parede)

(Geraldo) Você era jovem assim. Bonitão. Preservado. Nem eu tenho um quadro desses. Tem a história toda aqui. (falando do quadro de fotos na parede)

(Zé do Jardim) Tem que ter um pouquinho porque uma história dessa não pode deixar se acabar, né. Ô meu jovem (cumprimenta alguém que chega)

(alguém) Você tá de Chikungunha?

(Zé do Jardim) Não rapaz, me deu um problema só faltou morrer. Friagem essas coisas...

(padre Enoque) Tava lembrando da frase no sítio de Feliciano e disse: quem tem medo de morrer, se enterra vivo. (risos)

(padre Enoque) Mas você tá com dois quadros lindos, rapaz, uma memória fantástica, nem a casa de Canudos tem.

(Zé do Jardim) Tem não...(esse cabeludo é você? apontando pro quadro?) é esse aí foi em Canudos.

(padre Enoque) A Isabel, onde ela tá, no canto aqui (apontando)

(Zé do Jardim) Chico do mel, do bebedouro. Isabel. Aqui era minha tia. Zefa, minha mãe Ana. Trabalho da igreja nós fazia aqui o dia de Reis, acabaram tudo.

(Zé do Jardim) Onde é que tinha o carro, que falou o menino?

(Geraldo) vou lhe mostrar um negócio aqui de 84. Deixa eu ver como consigo chegar (mostrando um vídeo no tablet)

(alguém) Onde era aí, Zé? Não lembra, não?

(Zé do Jardim) Sem óculos, não to...

(Zé do Jardim) É no sítio (olhando pro vídeo)

(Zé do Jardim) É no sítio do Feliciano, olha aí...
(alguém) e esse aí quem é? Quem esse cabra falando aí?

(Zé do Jardim) Sei lá.

(Geraldo) É você, Zé.

(Zé do Jardim) Deus queira, palavra errada tem que voltar. Era sindicato naquele tempo. Graças a Deus. (emocionado)

(Zé do Jardim) Quem foi aos sindicatos, quem foi as lutas, tanto se falava mal do poder, tanto se falava mal de Antônio Carlos Magalhães, naquele tempo do Figueiredo. Que os nossos pequenos companheiros hoje tem pior do que eles, que nós não esperava isso. Mesma família, quem passava que a própria família ia trair a gente.

Essa semana eu sentando vendo minha televisão e chorei que nem to aqui agora, o Lula deu uma pequena entrevista pôs a mão nos olhos e disse que o PT fechou as mãos e só pensa em salário e abandonou. Cadê os trabalhadores, cadê os jovens na base. Ai eu pensei é isso mesmo? Se você fosse candidato hoje eu tornaria a votar em você porque o homem que fala a verdade não pode ser queimado nem morto. Antes do tempo. Como o homem que trai não merece confiança nunca porque o traidor traiu Cristo e não teve perdão, todos tiveram menos ele, né. O que a gente lutou pelo sindicato, lutou pra ter o que nós tem hoje e os pequenos trabalhadores hoje que nasceram na base com nós. Eu lembro quando o padre Enoque chegou e foi a grande força dessa luta, uma grande luz que Deus mandou por tudo que tem, mas nunca poderei esquecer isso que ele propus na minha vida, no meu coração. O nós cobramos e disséssemos, tinha poder de Brasília até aqui, mandou prender ele, mas não mandou bater, não mandou dar uma surra em nenhum de nós, queria atropelar os carros. E os nossos companheiros hoje tivesse o poder tinha matado, outros por aí já tinha morrido. Exploram tudo, até essas poucas coisas que vem do governo, minha família aqui explorada de tudo. Não pode fazer parte das coisas tudo esses cornado fora.

(Zé do Jardim) Mas eu não me dou mal, porque eu disse uma palavra aqui que vocês não ouviram, é trabalhando. Vocês verem ali na minha roça e na cisterninha que nós que com muita luta recebemos aí desse projeto da Dilma. Quer dar uma olhadinha como está lá? É bem aqui, pertinho.

(Geraldo) Vamos depois de conversar um pouquinho. Aí a gente vai lá visitar e ver.

(Zé do Jardim) Aí pra nós ver as coisas, como as coisas mudaram. Eu tenho certeza que as coisas, se nós não morrer. Eu ando com muito problema de saúde, tive uma alergia muito grande interna, 90 dias que eu não saia daqui mais em lugar nenhum. Qualquer coisinha tapa aqui, fiz um tratamento e o médico me explicou tudo. Qualquer bafozinho tapou e aí se não circula eu morro né. Mas com fé em Deus nós vamos ver as coisas e as lutas ainda vão voltar. Tenho

certeza que ainda vou, porque eu era criança desse tamanho e fui catequizado, mas meu pai e o meu avô foi meu pai e outro velho que tinha aqui, que lia geografia, lia as bíblias, lia tudo livro e lia livro não sei se você já ouvir falar na história do “Ricardo”?

(Geraldo) Não.

(Zé do Jardim) Era um grande autor, “Ricardo”? Um homem daqueles livros velhos. Aí ele dizia, esse livro, olhe. Da era de 15 ele dizia pra mim, de 20: foi a era que teve, que chamava que saiu uns cangaceiros, chegava nas casas, pegava as mulheres e estuprava. Aí ele me dizia, em 25. Aí quando foi em 30 foi os revoltosos, Lampião, já ouviu falar, não já? Aí foi a grande seca, já ouviu falar na seca de 32? Que foi quando fizeram a Federal de Euclides da Cunha a Canudos, que fizeram aí quando fizeram essa federal aí, né. Aí ele dizia e de 50 em diante, 1950 em diante, bom tempo pra pouco tempo. Jorraria dinheiro, jorraria tudo, mas o tempo seria pouco.

Eu queria dizer a vocês na minha pequena compreensão, acho que a nossa organização chegaram ao fim, elas vão ter que nascer, porque eu acho que a base também. Eu acho para mim que os poderes políticos também estão chegando ao fim, esse grande grandeza, essa grande esmola que está no Nordeste. Porque na minha pequena experiência não sei mais como terá dois anos, quatro anos, oito anos de PT fazendo essas coisas. Não existe isso porque eu sou a criança, de 71 anos que vou completar agora. Mas que meu avô me dizia com cinco anos de idade, me decorei tudo e tá tudo na minha cabeça, graças a Deus. A minha cabeça aqui é como um computador, que eu fiz de cinco anos pra cá eu me lembro. E queria dizer Enoque que as lutas vão tornar a voltar. Nossos sindicatos ainda vão perder os grandes poderes porque eles não consideram mais os trabalhadores, hoje eu não considera pra mim hoje não existe sindicato de trabalho rural, existe sindicato patronal.

(Geraldo) Porque o sindicato do trabalhador não leva mais em conta...

(Zé do Jardim) Porque o trabalhador de sindicato de trabalho rural nós começamos aqui, reuniu com os trabalhadores e cobrando as autoridades, fazendo as coisas acontecer de Monte Santo, de Feira, de Salvador, de Brasília porque fui a Brasília. Não é querendo me aparecer, não. Mas cobrar as coisas passando fome, maior sofrimento. E hoje o sindicato é filiado a quem os que estão dentro do sindicato é poder político. Só vai lá o trabalhador e faz aquilo que tá dentro do seu domínio e obedece a ordem. E o trabalhador e a organização não ficou para obedecer ordem ficou para cobrar e negociar e vê as coisas acontecer. Mas hoje o que acontece é quê: é cumprir ordens. Quem cumpri ordens é o patrão, é o empregado do patrão, você tem que fazer isso, isso que eu falo, os sindicatos hoje para mim é isso, o que o patrão manda eles fazem. Acabou as lutas, não existe.

Hoje porque nos tinha um governador do PT, um presidente do PT, quer dizer deita e rola, nós mora aqui numa área que chama área de fundo de pasto, já ouviu falar o que é, né? Pois é, já ouvi falar em reforma agrária? Pois é, área de reforma agrária, área de fundo de pasto, os trabalhadores se organizam e derrubam a cerca, derrubam as terras, eles chamam invadir, pra mim não é invadir. Eu nunca ligo essa linguagem, levo o meu linguajar, ocupa a terra. E o governo vai investir pra que eles sejam donos daquilo ali.

(Zé do Jardim) a área de fundo de pasto não, as raras terras que tinham aqui quando os latifundiários quiseram tomar, nós enfrentamos, tomamos, não deixamos eles enfrentar e tomamos por nossa conta mesmo. Teve da meia noite, mas nós não cortamos arame, queima, derruba, né e ficamos com a terra e o governo nos deu o título de terra, mas não nos dá nada para que aconteça de ser considerada como área de reserva, uma área ambiental. E outra, a área mais ambiental que existe hoje quando hoje se discute agora está tendo aí o cadastro rural. Existe cadastro rural legitimamente nas áreas de fundo de pasto, foi o Enoque quando chegou nessa terra com outras pessoas aí, foi discutido essa luta que aconteceu de hoje se ter área de 30 ou 40 áreas de fundos de pasto hoje em Monte Santo. Delas grandíssimas, de duas mil e tantas hectares de chão e não existe uma mão de respeito. Nós vai assim como esmolas porque eles não investe nisso.

Aqui mesmo nós mora numa área de assentamento, área de fundo de pasto. Temos aqui 277 hectares que é essas serras tudo, toda cercada. E faço a maior questão aí, maior luta pra se defender e aquele pepino de querer defender, recorro a justiça, recorro, recorre. Já tive aqui até a... levantação do governo que apoio até lá em cima, agora tentando fazer escalação pra ver se faz pra ver se acontece alguma coisa.

(Geraldo) Então se aconteceu de ver uma ação do senhor, da comunidade naquela manifestação que nós mostramos aqui do filme, aquilo foi em 84, é uma coisa da memória, né? O senhor já fez a comparação com o hoje, mas porque que a ação naquele tempo, porque que se manifestava daquela maneira naquele tempo.

(Zé do Jardim) Era a coisa mais fácil de responder, porque naquele tempo os trabalhadores tinham sede, tinham sede de estômago, quando o estômago encheu, eles perdeu porque não tinha fome de estômago e cérebro, nós temos que ter fome de estômago e cérebro, encheu a barriga, nós não podemos esquecer do amanhã e do que vivi. Eles pensaram logo agora, encheram o estômago, governo liberou. Aqueles movimentos nasce de quê? Nascia na necessidade, com a necessidade foi que nós se organizamos e chegou ao ponto da gente falar desse sindicato. O sindicato foi a maior greve no mundo aqui em Monte Santo, houve a prisão do Padre Enoque que está aqui. Tiraram como um bandido da noite pro dia. Foi lá pra Bonfim. Pois é, houve aí. Houve a expulsão dele até da igreja, expulsou ele daqui até o bispo expulsou ele aqui. Porque sabe que a igreja não toda, mas uma parte da igreja é do lado da onde? Ela sempre fica do lado do poder, só não sabe foi eles que entregaram Cristo, a gente sabe a história', ele foi morto por quê? Quem entregou o Cristo? Quem entregou o Cristo foi o sacerdote, os fariseus, quem eram os autores da lei? Quem eram os fariseu? Quem eram os sacerdotes? O grupo hoje que está se vendo aí hoje né. Uma parte defendendo os trabalhadores e outra parte não. Então o povo tinha aquela necessidade, achavam que...quando nós fizemos governo federal, fizemos governo, cá estadual, fizemos senador, fizemos deputado federal, fizemos deputado estadual eles começaram o quê? Pegar pedra e botar em cima, chamar aqueles representantes que era os movimentos fortes, cadê a nossa CUT, cadê nossa Contag, cadê nossa Fetag, né. Cadê os nossos sindicatos, chamou tudo e a cada um deu o bolo.

(Zé do Jardim) Algum presente que encheu o estomago deles, encheu o estômago deles e aí acabou. Cadê a mente que eles não tinha, tinha o estômago, o mais o vento que leve, o urubu que leve, como foi em Canudos, o carcará que leve.

(Geraldo) Enoque sai da janela

(Zé do Jardim) E aí, aconteceu a situação dessa que esta aí, é “Ricardo” isso que eu tenho a esperança ainda porque isso passa. Jesus disse o céu e a terra não passará. Minhas palavras não passará, o céu e a terra passará. E é bom tempo pra pouco tempo. Porque o exemplo daqui da história do meu tio, velho, lia de uma grande profecia sagrada que ele tinha que é a história do “Ricardo”, Nós já estamos no começo do pepino, a briga política que já esta aquela coisa, não tem mais como levantar aqui que se levantou há 12 anos, doze anos, quinze anos nós estávamos no começo do alevantamento, agora com 15 anos, estamos no começo do enterramento.

Eu acho que não estou falando errado não. Na minha mente, na minha visão, na minha inteligência, no que eu vi, porque eu vi a ditadura, lembra da ditadura militar? Juscelino, Jânios, do Costa Silva tudo, eles...

(Geraldo) E o futuro? Que senhor acha que resultado pode dar disso?

(Zé do Jardim) Eu acho que a semente só nasce, das coisas que ela brota. Às vezes a semente nasce e está muito alta e nós como trabalhador rural, diz nossa safra está perdida. O milho porque é perigoso e cai muita chuva e ele ainda volta. Eu acho que isso ainda vai voltar, isso que to dizendo, Quando esses governos, mudar a situação, as necessidades, os sindicatos não vão querer ficar humilhados, as federações não vão querer ficar e elas vão se movimentar ainda. Eu acho isso, na minha experiência daqui 5, 10, 15 anos, quem viver, vai ter grande mudança porque quem já comeu não vai concordar mais a passar fome. Quem já encheu o estômago não vai mais concordar a passar fome, quem conheceu os seus direitos não vai mais querer sair da sua terra, quem conheceu seus direitos não vai mais querer calar a boca, eu acho, viu, que já vai mudar o tempo.

(Zé do Jardim) Tenho grande, como se diz, esperança que ainda vai mudar. Tenho vontade ainda de viver uns anos, todo dia penso em viver uns anos que eu ainda quero ver as coisas boas. E as pessoas valorizar, nós todos valorizar o que nós fizemos, porque toda mudança que tem no mundo foi nós quem mudamos. Sabemos que o Lula começou tão pobrezinho e foi nós que ponhamos o Lula no poder e chegou a grande riqueza que esta hoje o país, pois foi dele. Antes dele era a situação difícil, foi dele. Aquilo palavra que ele disse ai dá pra ver coração, porque as pessoas só pensam hoje no dinheiro, o ex-presidente da república com dois mandatos um homem daqueles, disse uma coisa que ele tinha. Fez o possível, está o mundo rico, mas as bases tudo só pensam no dinheiro, abandonaram as bases, era pro Lula estar perdido hoje, o Lula estar dez abaixo do Aécio? Não era.

(Zé do Jardim) Não era pra Dilma estar onde ela está não porque a Dilma trabalhou muito, cara. Se a gente pensar só essa água que ele herdou no nordeste, um exemplo. Agora o problema foi isso porque as bases, eles só implicaram em cima de base, quase só pensaram neles, nas federações só

pensam nelas, não todas, uma parte da federação, parte sindical de todas as federações. Contag só pensam neles e abandonaram as suas bases, quando a base abandonada? Se eu sou pai de família aqui e abandono meus filhos, eles vão viver como? Quando eu volto aqui eles vão me querer, não vão? Não vão, se o cara aí pra me pegar me pega, se alguém pra mim comer, me come.. Agora já chega uma filha já chega um cara ali pra ver, quem é esse cara que chegaram aqui? Como na casa do meu pai uma coisa estranha, chama os outros, sai tudo aqui pra pegar, mas não é mesmo. E eu sei que isso ainda vai mudar, tenho certeza que ainda muda, porque mudou.

(Zé do Jardim) é isso menos, pelo menos na minha proposta é né, meu querido amigo.

(Geraldo) O Senhor tava aqui há pouco mostrando o quadro que é um quadro da memória da luta política, pelo que me parece, os dois quadros que tem aqui na verdade são da memória dessa luta, não é? O senhor quer mostrar de novo pra mim e explicar o que é cada foto? Os momentos daquelas fotos?

(Zé do Jardim) (apontando pro quadro) Olha, essa foto aqui aconteceu num açude em Canudos, em cima de um caminhão em Canudos. Nós discutindo os nossos direitos, as necessidades que nós tinha, não era nós aqui da comunidade, mas era nós do país inteiro, do Brasil, tinha gente de São Paulo, tinha gente de outros países aí.

(Zé do Jardim) Aquelas fotos ali em cima são pessoas do Sul, da África do Sul.

(Geraldo) Mas essa que é o senhor?

(Zé do Jardim) Sim, nós tava em Canudos.

(Geraldo) essa aí é de Canudos?

(Zé do Jardim) Nós tava em Canudos, a festa de Canudos com todas as comunidades não só de Monte Santo, todas as comunidades do Nordeste e de outros países discutindo os nossos direitos, as mudanças. Mudar o governo, a posição do país, do Brasil, para melhorar os trabalhadores e foi isso que aconteceu e foi onde veio a mudança, se não mudamos o presidente da república, é brincadeira, trazemos o homem, comedor de café com farinha, um caminhão do norte sei lá 50 e poucos anos ser presidente da república, é admirável no país, não é? É admirável. Eu para mim, uma coisa dessas é admirável, quando um homem formado esperando pra ser presidente e não é.

(Geraldo) Foi uma mudança revolucionária...

(Zé do Jardim) Revolucionária, tudo por causa das bases, das organização. Se não tivesse organização o Lula não tinha sido nem nada. Por causa das organização do Brasil, que essas organizações que Lula trabalhou em cima. Se ve que o Nordeste virou um paraíso e agora que não sei se foi ele, o que é as

dificuldades, confiou demais só nas suas bases sindicalistas. Colocou pra eles na sua feitura e as bases se acabaram, os movimentos se acabaram, que isso que ele hoje mesmo voltar a dizer, ele hoje tá no jornal dizendo pra Deus e o mundo ve que o próprio PT hoje só pensa em que, que acabou porque só pensa no dinheiro, no emprego. Cadê os jovens? Os jovens que nós tinha e hoje pra arrumar jovem é difícil porque não tiraram base e estrutura para trabalhar, construir, levar a frente aquilo que eles construíram. Eles não construíram pelas bases pequeninas em cada lugar. E é isso que nós tava falando em Canudos, essa grande guerra, essa grande luta, esse grande movimento pra que acontecesse.

(Geraldo) E aqui com essas paisagens aqui, essas plantas, o que é isso?

(Zé do Jardim) É a coisa mais fácil eu lhe dizer (risos) Dentro dessa base dessa organização que nós fizemos aí, quando o doutor Valdir Pires ganhou governador, primeiro ponto que nós tivemos, da nossa luta. Foi Valdir Pires, governador da Bahia, primeira coisa que nós ganhamos na vida. Aqui foi Valdir Pires com nossa luta, arrumou uma barragem de pequeno porte aí pra nós e aqui tudo foi hortas que nós fizemos da nossa barragem. Aqui era o chão da barragem, tá vendo. Aqui era em frente de duas baixas aqui (apontando) foi tirado esse serrote e a barragem tá ali, um bocado de água, né. Foi isto aqui, que nós arrumamos aqui.

(Geraldo) e essa outra fileira aqui?

(Zé do Jardim) essa aqui, você tá vendo o companheiro que ela tá com a coisa na mão, esse chapéu de couro, aí foi uma casa de farinha que nós arrumamos também, porque nós não tinha como fazer de forma alguma. também Valdir Pires, tá aqui ó, tá vendo aqui.

(Geraldo) essa foto aqui também foi da casa de farinha?

(Zé do Jardim) Essa aí foi, agora essas aqui era nós trabalhando junto, aqui tudo era o povo junto, o Dia de Reis era nossa grande celebração, vestido como Reis, vestido como Maria, a criança, o nascimento de cristo e nós fazendo esse trabalho de igreja, comunitário, tá vendo. pois é, o que esse trabalho trazia o resultado da barragem, o resultado da casa de farinha, tá vendo aí,

(Geraldo) aqui, essa outra fileira já é outra coisa.

(Zé do Jardim) essa fieira aqui, foi uma cabana comunitária que nós fizemos, nós não tinha onde se ranchar, nós fazia reunião debaixo dos pés de árvores, nossas reuniões na cabana de pindoba, aí os caras vieram, os políticos mesmo e queimaram a nossa cabana. Só ficou os paus, os pés da cabana. queimaram a cabana pra nós não se unir, mas nós hoje tem no lugar da cabana, isso aqui é ó, o nosso centro (risos) Tá vendo, aqui a cabana eles queimaram, aí nos montamos o centro.

(Geraldo) vocês construíram o centro? a cabana devia ser aquela ali também né?

(Zé do Jardim) só essa onde tão tudo queimada, a cabana era aquela ali, sim olha como era ela, tá vendo armadilha, olha aqui tudo era a cabana que eles queimaram, como era bonitinha, aqui ó. Aqui só ficou a cumieira aí. (Aí vocês fizeram a casa?) Foi, queimaram pra destruir, nós fizemos uma, destrua agora (risos). E ali foi um pessoal da África que veio fazer um alevantamento do nosso trabalho aqui, aí já foi na tapera, fortemente.

(Geraldo) quer dizer que na verdade isso aí é uma espécie de fotografia da memória

(Zé do Jardim) justamente pra que amanhã, daqui a 100 anos, eu to contando a história que meu tio contou, que aconteceu. Daqui 20 ou 30...

(Geraldo) qual é essa história do Ricardo?

(Zé do Jardim) Ricardo é um autor velho? Diga o nome de um homem que tem grandes livros e histórias pra eu ver.

(Geraldo) Meus deus, Leandro Gomes de Barros.

(Zé do Jardim) Pois era quem esse, autor, que nem esse senhor, aí ele escrevia a história (e o que essa história dizia?) olha meu tio contava que ele dizia que em 1920 já tinha uma grande revolução, aí veio os soldados, uma canga de soldados que veio, que nem chegava nas fazendas, roubava, pega as filhas e mulheres, estuprava, quando foi na época de 20, 30 aí veio os revoltosos de lampião, aqui mesmo eles pegaram meu pai e meu avô e pegaram pra capar, não caparam porque botaram numa casa ali e ele correu. O curisco, mas matou um rapaz bem aqui.

Em 32 uma grande revolução, aí veio a seca e foi quando ele fizeram esse grande asfalto, o pessoal não veio farinha, vinha no trem de ferro, pra chegar aqui e meu pai vendia e ele aqui ia pra estrada de Euclides da Cunha pra Cocorombó, pra Canudos, passando por lá. Aí continuava de 1950 e diante, vem bom tempo pra pouco tempo. E esse tempo que nós tinha jogado, porque quem visse o nordeste só se ouvia falar em sofrimento e fome. Enoque se bateu aí quando trabalhou aqui, uma roupa, aquele salvador fazia aqueles coletes e trazia aqueles calçados, roupa, alimento pro pessoal e hoje ninguém quer mais nada, não. Chega aqui, tempo bom pra pouco tempo.

(Zé do Jardim) Ele contava uma história muito bonita pra nós velho que trabalha, ele dizia que o senhor de idade estava trabalhando comprando uns cocos aí chegou três jovens, aí disse, mas moço você assim velho., plantando coco, se não tá vendo que se vai comer desses cocos. Ele disse, meus jovens, num trabalho só pra mim, pensa que trabalha só pro senhor, trabalha pros netos, bisnetos, mas pra aqueles e na verdade vos digo quando os moços vão

morrendo, os velhos vão vivendo. E aí a história no fim dizia "ricado' os três jovens morreram e "Ricardo" veio desfrutar dos cocos.

(Zé do Jardim) Ele disse pra mim essa história. E num é isso mesmo? O mais aquele velho vai morrer pra que? Já vimos quantos velhos vivos e os moços morrer. Você não viu agora esse grande artista que morreu. O pai dizer, não existe, será que tem Deus porque eu oro e ele não queria nunca que o filho morrer. Viu o governador de São Paulo chorando aí, ah mas vai enterrar meu filho? Era pra meu filho me enterrar, nunca pensei em enterrar meu filho. Porque eu tenho dinheiro. Não, você manda aqui, quem nada lá é um senhor só, se chama Deus, verdadeiramente, cordeiro salvador do céu e da terra, não é meus filhos, não é meus amigos?

(Geraldo) Você fala bem, você aos 30 anos atrás...

(padre Enoque) Hoje, daquele tempo ele nem me reconheceu. Você viu?

(Geraldo) reconheceu, sim. Ele viu na hora e já sabia que era ele.

(Zé do Jardim) Eu conheci a fala mais ou menos, depois é que lembrei, Enoque é brincadeira. (Enoque: eu tinha o quê, 30 anos na época) Tinha mais... É podia ser mais, uns 30 e tantos. Era mesmo.

(padre) To com 65 hoje; hoje o senhor tá com quanto?

(Zé do Jardim) Agora dia 18 de dezembro se deus quiser completo 71 anos, to jovem, não to? Não fosse esse problema, uma dor aqui na coluna.

(Geraldo) você tinha uns 40 anos na época.

(padre Enoque) você vai viver uns 20.

(Zé do Jardim) Se deus ouvisse meu pedido, vivia ao menos 15. olhe, vou contar um exemplo pra vocês, eu hoje to fazendo aniversário de 5 anos, viu. Do dia 27 de julho de 2010 me pegou esse problema aqui. Tinha muito tempo que eu vinha com essa alergia, alergia ai me pegou estava sentado nesse fofo e me pegou aqui, tapou aqui eu caí aqui ai essa menina minha chegou aqui. (Geraldo diz: mas teve dor? como era dor?) Aqui tapa, tapa aqui faltou respiração (Geraldo: tinha dor no braço?) Ai adormeceu meu braço, gelou (Geraldo: e deu dor no peito) Já começou.

(Geraldo) Tem que fazer exame de coração.

(Zé do Jardim) Fiz aí eles me cuidaram, aí fui pra Feira de Santana...

(Geraldo) Enoque tem que falar com ele, pode ser infarto, não tem nada a ver de alergia.

(padre Enoque) não tá passando no Dr Fernando, não?

(Zé do Jardim) Mas eu fui pra Feira de Santana pro médico do pulmão, né? Ai quando ele fez todo o exame pra mim eu tratei lá quatro meses. Aí ele me explicou. Mas aí dentro eu vi a morte, eu senti a morte, mas eu não tinha vergonha, o maior prazer da minha vida deu contar porque pra mim não existe. Não sai mais a fala de mim, mas eu lembro que no meu coração eu só pedia a Deus.

Aleluia Jesus, aleluia, não deixa eu morrer a minha vida voltou. Fui pra Euclides lá o médico fez todos os exames e falou pra mim, rapaz. Eu não sabia porque nossa pressão tem lá, né. Ele disse aqui é que nem a pressão, a nossa respiração o atual é 150, 160 já tá a mais e 200 dispara. A sua foi pra 500. Como você viveu, a minha foi pra 500, como você viveu? Eu revivi pela graça, aí agora todo ano eu pedi a Deus que ele me desse mais cinco anos de vida e graças a Deus eu aí deitado, quando acordo, aleluia, já vem dentro de mim assim repetindo, aí eu acho que graças a Deus com fé em Deus vai me levar uns anos de vida, eu tive muito fraco, mas Deus vai me dar mais uns dias de vida, glória a Deus, aleluia. Já estive morto.

(Zé do Jardim) Aí muita gente não acredita, mas quando foi um dia tava eu, aí eu ligo a televisão, 10 horas da noite, aí tava ouvindo aí na rede vida, aqueles padres e uns médicos. Aí o médico falando disso, foi um milagre, tem o nome dessa vida que reveve. Agora só teve uma coisa que ele disse pra mim que eu achei bonita. Ele disse: quando deus volta a vida do homem, agora salvação. O médico dizendo o monte de gente que já reviveu, foi pra 500. O médico passou o remédio e eu tomei por vida. É caríssimo o remédio, 115 reais e eu tenho que chupar aquela capa que corta na hora. Vou viver muito ainda né, quero viver muito. to novo forte, não fosse isso (risos).

(Geraldo) que alegria que você tem. Animado.

(Zé do Jardim) Venha falar com os homens aqui, venha...

(câmera mostra quadro de fotos enquanto eles comentam)

(câmera mostra um quadro na parede)

(Zé do Jardim) Meu nome é José Alves de Sousa.

(câmera mostra quadro de fotos enquanto eles comentam)

(Zé do Jardim) Eles liberam, eu digo, mas um tanque Enoque, pra fazer um tanque sim, mas tem a guarda aí Enoque, mas vamos se organizar pra dentro da casa, um grupo de gente assim, tinha uma reunião de jovens muito grandes quando fundou e de noite a gente tava tudo preparado pro outro dia. Aí essa organização, rapaz, mas tem um tanque (Geraldo diz: que vocês não

acreditavam...) Não acreditava nada, aqui não tinha nada aqui tinha o tanque velho do meu avô que se entupiu e aqui não existia nada.

(Zé do Jardim) Aqui só existia humilhação, aqui sabe nós criamos a nossa associação aqui, sabe como é o nome da nossa associação? Associação dos pequenos produtores abandonados da fazenda e região. Nós era abandonado aqui, nós não tinha, não existia estrada aqui não, estrada aí do povoado, não existia uma estrada aqui quando o carro vinha aqui, ninguém fazia uma estrada aqui. Aqui tem uma frente de serviço naquele tempo que o governo federal mandava, aqui não sai ônibus porque não tinha condições, esse foi nossa organização.

(Geraldo) E a dificuldade era de toda hora?

(Zé do Jardim) Toda hora, o meu avô aqui, meu pai foi quem me criou em 1970, no mês de julho agora, faz quantos anos, 45 anos, nós saímos com ele ali, sabe o que é um esquife? Pois é, nós saímos com ele no esquife pra levar pro povoado embaixo que vocês passaram, pra pegar um carro pra levar pra Monte Santo e tivemos que mandar um rapaz de Monte Santo montado a burro pra arrumar um carro pra levar ele pra lá.

(Zé do Jardim) chegamos lá e um enfermeiro de Monte Santo, chamava Valdenor. Quem consultava não era o médico nem nada. 45 anos aqui, nem um médico em Monte Santo tinha, tinha esse Valdenor que era enfermeiro de lá. Você viu como era? E aqui não tinha nada, nada, nada. Pra passar tudo era burro.

(Geraldo) e a fome?

(Zé do Jardim) a fome aqui era escandalosa, a gente catando carocinho de mamona, sabe o que é mamona? aí na roça, essas mulher cartando, essa menina aqui dentro do campo cortando folha de cinzal pra tirar, caçando licuri, sabe que é licuri né? Que aliviou aí eles cortaram o licurizinho pra pisar, fazer aquele mingau, pois é e hoje tem uma riqueza dessa aí, se organizamos

(Geraldo) E educação?

(Zé do Jardim) Aqui pra nós estudar aqui, nesse tempo, a gente pagava, eu mesmo paguei pra dois filhos meu mais velhos pra eles estudarem. Tem um filho em São Paulo? Tenho três filhos em SP. São nove filhos meus, seis homens e três mulheres. Tem três em SP e três aqui, homem. E as mulher moram aqui. Pois é, era fome, era sofrimento pra se ver aqui, mas foi dessa organização que a gente organizou desse jeito, graças a Deus e foi puxando desse jeito...

(Geraldo) E como que o senhor se educou? pra conhecer os direitos, pra ser liderança, pra poder lutar pelos sindicatos, como é que o senhor aprendeu a ler?

(Zé do Jardim) Eu não sei a letra do A, se você falar pra fazer meu nome eu não sei se vou acertar, não. Mal feitinho eu faço, uma gangorra pior do mundo.

(Geraldo) O senhor fala tudo, discursa, pensa, mas não lê

(Zé do Jardim) No meu tempo não tinha professor aqui, não. sabe qual era aquele tempo que era professor? O pai da gente tinha duas ou três hectares cercada, plantava um legume numa parte e na outra saia capinha a gente lá pra comer aquele capim pra não comer os burros da gente, a escola era essa, não tinha escola não. Ia pra enxada trabalhar ou catar caroço de mamona, cinzal ou catar licuri pra não morrer de fome.

(Geraldo?) e os meninos já tiveram escola?

(Zé do Jardim) Já, todos eles já sabia a leitura ou muito ou pouco (e hoje já tá muito melhor?) ah hoje tá bom demais.

(Geraldo) Os carros vêm pegar os meninos, os netos pra levar pra escola?

(Zé do Jardim) Leva pra escola, com a dificuldade que dá hoje porque na forma dizem aí os estados, os jornais de merenda que libera, não sei porque as merendas aqui são fracas, sai mais não é aquelas semanas, uma sim, outra não, mas que tem, tem...Que tem carro tem, que tem professora tem, mas naquele tempo não tinha nada, nada, era difícil de se viver (mulher diz: uma vergonha) era uma vergonha, minha filha com certeza. Foi difícil a vida da gente. E aí como me organizei desse jeito, o meu pai é um homem muito lento bíblico e quem lê a bíblia conhece com rigor, como foi os antepassados e as histórias todas

(Geraldo) e como é que ele aprendeu a ler?

(Zé do Jardim) O meu pai não nasceu aqui, era lá do lado do sítio do uauá, aí ele tinha uma vontade de ler e ser inteligente, tinha o dom de deus. Aí um senhor do município do uauá pagou um senhor, chamada mestre naquele tempo pra ensinar uma criançada e ele foi pro mato ver uma criação, quando viu tava os meninos lendo e e ele gravou aquilo tudo, aí se escondeu detrás da palhoca e quando ele lia...

(Geraldo) Ele ouvindo escondido as aulas do professor...

(Zé do Jardim) E ele cá escondido, gravou os nomes tudinho, tudinho...E aí ia pro mato, se escondia quando o professor ensinava pra fazer o nome: letra tal, tal, ele aprendeu a ler, não era porque era meu pai, não. Meu avô sabia ler, pegava a bíblia, encomendou a bíblia dele porque a bíblia toda é igual, sim. Mas a bíblia não é todos os autores... Os autores completos da bíblia se chama 76 livros, que dos reis e tudo...e ele mandou fazer uma bíblia e os padres disseram é caríssima e ele disse: faça, 76 livros. Ele leu três vezes do começo até o fim, eu tinha que escutar ela, ele com uma varinha aqui, passava aqui eu deitado no banco e ele com aquela vara, com aquele bastão quando tinguia que me acordar e ele dizia olham eu filho, como é que é aqueles antepassados sofreram no tempo velho de Abrão, como foi...e aí me contava que a gente tinha que trabalhar, não era pra roubar, isso aí me ensinaram tudo...(seu avô?) Foi, o nome dele era Balduino, Elpidio. (Geraldo diz: e Balduino quem era?) Era um tio casado com uma tia minha, mas velho também, um senhor que se tivesse vivo hoje estaria com 100 anos ou mais... Aí me educaram assim.

(Zé do Jardim) e aí fui vendo as coisas, aí depois eu comprei um radinho velho, ligava no radinho, escutei de Petrolina, Pernambuco e lá só falava de organização

sindical, aí nesse meio tempo Deus mando o padre Enoque pra cá e quando chegou aqui, foi um trabalho sério de organização, aqui virou um negócio seríssimo, aí pronto. Eu já tinha aquilo, já vinha de berço aquela inteligência como devia ser e acho que ta ele que diga, ele não fazia um trabalho... E ele sabia, eu era sábio, eu era sábio. Catequizado de criança mesmo, lendo a bíblia, meu avô e o outro e hoje graças a Deus, não me importo, tanto faz o juiz, o governo, qualquer um...teve audiência com os ministros em Brasília. Teve Valdir Pires, a diferença é só sábia. Ele sabe dirigir um carro eu não sei, mas as vezes morre primeiro do que eu, não é não. Deus vai julgar eu como vai julgar ele...

(Geraldo) é tudo igual

(Zé do Jardim) Só tem diferença na roupa, morre e um leva, menino morreu e não levou nada de dinheiro, porque que fulano é diferente de eu, eu vou lhe contar uma história séria, o senhor vai ouvir...

Eu fiz o trabalho de uma mulher lá, que ele ali conhece, a Marinalva. E aí eu fiz trabalho e cerquei a roça lá e tinha uma confusão dela, mas o próprio povo dela. Marinalva foi lá na juíza e ela pediu testemunha. Tá bom, eu fui. Chego lá, camisa aberta, desaforo da poxa. Eu digo bem assim, doutora me perdoa, eu fui um homem criado na roça, só analfabeto, não tive educação, não tive leitura pra essas informações, agora meu avô, fui criado mais um homem sábio, inteligente, meu avô ele me dizia, meu filho, os formados ficaram pra ensinar os analfabetos e perdoar, baixou a cara na hora. Ensinar e perdoar os analfabetos, ela baixou a cara na hora. Pra ela reconhecer que tinha que me respeitar, como ela fazia uma coisa daquela...meu avô me dizia os formados tava pra ensinar e perdoar aos analfabetos, baixou a cara na hora...abotoei a camisa e me sentei.

(Zé do Jardim) Dando cara no trabalhador, pra mim era um calor danado, eu lá sabia, não tinha tido educação. Agora que você botou a camisa você pode... Ela falou com um estresse como era um cachorro mesmo. Eu disse a ela, me perdoe, sou um homem da roça, analfabeto, não tive educação, não tive leitura, mas isso aí que meu avô me dizia, que os formados estava pra ensinar os analfabetos e perdoar, doutora. E ela, fez o quê? Fechou a cara, na hora.

(Zé do Jardim) Que meu pai me ensinou rapaz, ele me ensinou isso, ele dizia... Ninguém era melhor do que ninguém. Olha padre, porque se formou, tinha formatura de padre, mas é homem, às vezes morre eu que sou um catingueiro velho besta, fico. E aí, o que vale? agora tem gente que acha que não tem o que merece, respeito, mas não é acima de nada. Vamos lá na roça?

(caminham na roça)

(Zé do Jardim) Pois, meu avô me dizia, uma pra deus, pra homem, um homem bom trabalhador, tem valor seu nome não tem? O senhor é trabalhador e aí o mundo, é o senhor que tem valor e o ladrão não tem valor pra nada, não? (é verdade) uma pra deus, para o homem e para o mundo.

(Geraldo) quer dizer é colheita prevista pra quando?

(padre Enoque) pra depressão é uma terapia, pior é ficar deitado, pior ficar parado (falando Zé usa a enxada na terra).

(o vídeo segue com imagens sem áudio feitas do carro)

19.05.2017

ENTREVISTA PADRE ERMANNO

RIO DE JANEIRO

Ermanno dentro de uma compreensão de vida...

(Ermanno) A partir de uma compreensão de vida que afete e orienta, você tem uma sustentação muito forte para colocar em prática, coisas...

(equipe conversa)

(Ermanno) Isso que sustenta como a visão de vida diferente

(Geraldo) No que nós filmamos e vamos colocar no programa, isso pra comprovar, a gente filmou isso. Como aquela prática e aquele aprendizado dos anos 80, junto a população do sertão sobretudo, que eu filmei o sertão perdura hoje, é uma coisa incorporada na vida da população. É impressionante. Se o senhor tiver tempo até mostraria algumas coisas filmadas agora, é impressionante. Na região de Monte Santo que foi onde eu tinha filmado muito na época e nós voltamos agora é muito forte esta presença. Foi a fé, a crença que implantou e as pessoas continuam com energia. A primeira vez que eu vi isso foi em 84, num filme que eu não tava voltado pra teologia. Era um filme que um fiz pra ONU com a produção de uma televisão do Canadá, TV Canadense que era sobre a seca. E eu fui filmar a seca, andei pelo sertão inteiro. Saí da Bahia e fui filmar em Fortaleza, um filme muito forte como testemunho da situação que vivia, as dificuldades da carência, fome. Em 84, era fome, devido a uma seca de 4 anos. Quando eu passei por Monte Santo, o trabalho do Padre Enoque tava no auge e foi a primeira vez das minhas andanças pelo sertão que eu encontrei um camponês, homem comum do campo, capaz de compreender sua situação social e econômica, capaz de se ver e analisar aquela situação sem nenhum chavão político.

Uma coisa mesmo fruto de alguém que aprendeu a expressar e a pensar e a falar. Meu primeiro espanto foi ver como o homem do campo, lá no Nordeste, podia expressar. Ele não falava, tinha medo de falar e começou a falar e nós pegamos isso e andou pelo mundo através da ONU foi meu primeiro espanto e hoje eu vejo que permanece isso, não só do falar, mas o pensamento, como ele tem um pensamento e não repete como um papagaio. Não são clichês de pensamentos.

(Ermanno) Você bota uma semente, o terreno bom. O que aparece é o que já existia dentro. Eu sempre digo que a presença nossa lá foi uma oportunidade, nós não fizemos nenhuma revolução, mas foi uma oportunidade pro pessoal pensar como se comunicar e dentro desse pensamento e organização deles, nasceu toda aquela capacidade de enfrentar a vida que hoje eles têm. Pra mim aquela semana que passamos lá, o ano passado, foi uma revelação, sinceramente. Porque eu inclusive quando pensava naquela área, era assim bastante desiludido, porque das pequenas comunidades não era nenhuma estrutura, os padres que foram lá depois demoliram, agora e eu digo sempre.

Se o pessoal batia porta na cara, você quer entrar naquela casa, tem uma janela. Se bate a janela na cara, tem um telhado pra você. O pessoal inventa o jeito de se autossustentar dentro de um visão de vida e leva adiante o discurso. Isso pra mim é a coisa mais fantástica. Pra mim foi quase que um ressuscitar da esperança. Não foram 12 anos perdidos que ficamos lá e passamos coisas pesadas

(Geraldo) Esses 12 anos foram de que data?

(Ermanno) 1974 a 1986. 77 foi quando assassinaram o advogado Eugênio Lyra. Ele estava saindo pra ir em Salvador na CPI da grilagem. Ele saía como hoje à tarde ele foi na barbearia, quando o assassinaram. Em Santa Maria da Vitória.

(Geraldo) Nós vamos ver o que nós temos de 1985. Essa reunião pela terra, luta pela terra em Bom Jesus da Lapa foi filmada em 1985. Vamos ver e a gente conversa a partir daí. Eu adoraria poder voltar lá e documentar essas coisas que você tá me falando. Esse renascer, que permaneceu. A gente pode ter pensando que se perdeu. Não sei se teríamos tempo, nós filmamos famílias que vem desse movimento e o que é hoje 35 anos depois, o senhor não acredita. Eu vou mostrar.

Eu mostro uma camponesa, analfabeta que é uma teóloga praticamente. Ela vê o mundo a partir de uma visão, ela tem uma visão do mundo...

(Ermanno) Aquele cordel que eu falei, é essa ideologia. Aquela história que tava escrevendo da Diocese, essa é que é uma. Até que eu disse pra ele, aquele fato que prenderam pessoal e tudo, pistoleiros. Eu disse: quantas vidas vocês salvaram? vocês não mataram os pistoleiros, vocês prenderam e levaram segundo a lei, prenderam e levaram a delegacia, não mataram ninguém. Eles quantas vidas teriam tirado aqui, vocês salvaram vidas e a realização da palavra de Deus e do reino de Deus é a vida. Isso que vocês fizeram e acrescentaram uma página na bíblia, essa é a história sagrada.

(Ermanno interrompe para atender o telefone)

(Geraldo) Vamos botar na tela grande a cena que nós temos. A gente tá selecionando só as cenas de Bom Jesus da Mata. Nós temos aqui esse filme, nós temos cópia dele em DVD? Esse filme tem 1h30 sobre a teologia, filmado no México, Cuba. Nicarágua, que trata da revolução do México no processo revolucionário em 1984 no poder. E Peru, Equador, fizemos uma viagem e aqui no Brasil todas estas coisas que já lhe falei.

(Ermanno) Hoje a teologia da libertação, o pessoal me pergunta quando vou na Itália, a teologia da libertação morreu. Quem disse que morreu? A teologia da libertação era um rio, agora tem 50 córregos. Tem a teologia negra, da terra, da mulher, do trabalho. Estas são as teologias da libertação hoje. a teologia da libertação é para ver a situação concreta das pessoas pra aí ver como Deus se revela, com Deus te faz caminhar. Essas são as teologias de hoje. É verdade. Cada pessoa tem um jeito de se relacionar com Deus e Deus fala pra pessoa de um jeito diferente. Esse vai e vem e a força que tenho pra viver essa que é a espiritualidade de Jesus Cristo. Era essa, né?

Eu faço o que o Pai me diz. Se eu estou com os pobres e os leprosos é porque o pai quer que eu mostre a misericórdia dele nestas pessoas. Esta é a escolha que Cristo fez. Se a gente percebesse quando fala ah você faz trabalho social, sim. Porque se usa esta linguagem, já que estamos na igreja, vamos usar outra linguagem. Este trabalho é a caridade. E a caridade é a coisa mais importante, mais que a fé, mais que a esperança, a caridade é a maior das virtudes. Caridade deve ser também organizada, os sem-terra que entra e ocupa uma terra, no lugar de deixar o camponês que vai bater a porta pedir um

prato de comida. Você coloca o camponês de um jeito que ele pode produzir o que ele sabe pra sua vida. Ele que vai se sustentar, com a dignidade sua.

(Geraldo) Caridade, solidariedade. Participação.

(Ermanno) Não vai uma só pessoa, vai 50, vai 100, vai mil famílias, essa é a caridade que acontece na prática, solidariedade, etc. Quando eu falo essas coisas o pessoal fica assim porque ele percebe que na igreja tem uns certos clichês. Hoje peguei o Papa Francisco falando que me mandou um amigo o Papa falando naquela missa de ontem, naquela capela, que ele diz. Gente, quando nós fazemos da doutrina da igreja, que vem do evangelho, que o espírito santo nos resulta entender, mas quando fazemos dessa doutrina, uma ideologia, aí estamos fritos, porque a ideologia mata, o espírito que dá vida.

Esses são fanáticos que não percebem o evangelho, transformaram a doutrina da igreja numa ideologia. Pois eu Papa Francisco, eu espero o dia em que coitado vão eliminar o cara, porque ele chega os pontos fundamentais, da vida e da estrutura da sociedade. Quando ele faz aqueles gestos, é um gesto profético. Quando ele foi na Ilha que fez o cálice da missa com um pedaço de madeira de um barco que afundou. Essas coisas, um tapa na cara de todos os governos da Europa. Francisco devia chegar antes, se no lugar do Hassinger, tivesse o Papa Francisco, que naquele tempo ele foi votado.

Porque o pessoal conheceu ele em Aparecida. Ele e Dom Claudio Hummes trabalharam muitos textos juntos, o pessoal conheceu ele. E já naquele tempo ganhou voto. Mas ele tem uma visão completamente diferente daquela que é uma visão europeia da igreja, do evangelho. Pra ele fazer aqueles gestos não é uma ação de marketing como fazia João Paulo II, que preparava a encenação das missas dele, era Zeferelli, não sei se é verdade mas eu li. Para o efeito. Sai do coração dele. Quando lá na praça em Roma ele teve uma missa com 200 deficientes físicos na cadeira de rodas, depois da missa ele passou um por um, 200. E o pessoal louco porque tinha marcado depois da missa uma visita numa embaixada e os diplomatas todos esperando. É mas estou aqui agora (risos) É fantástico o Francisco. Eu digo sempre, finalmente temos um Papa cristão.

(Geraldo) Um milagre ter acontecido isto. Ou então fruto de uma experiência dos erros cometidos. No filme que a gente fez, a gente tem uma entrevista com o teólogo franciscano, ele tinha uma igreja só dele. No filme ele denuncia o acordo do Coitiba com o Riga, se encontraram. Estava começando a destruir a igreja na Nicarágua.

(Ermanno) Conhece Oscar Beozzo

(Geraldo) Muito.

(Ermanno) ele tem um livreto que faz a história da teoria da libertação do Voitila e depois do Hassinger. Meu amigo, você lê aquelas coisas...

(Geraldo) Vamos ver.

(equipe discute o melhor posicionamento para a filmagem)

(começam a mostrar o vídeo)

(Geraldo) Isso é Monte Santo (apontando pra tela)

(Geraldo) Esse é o padre Enoque, na época.

(Geraldo) Mas aqui não é o sertão. Ah, tá o trecho todo do filme sobre o Brasil.

(equipe fala sobre o volume e vídeo continua)

(vídeo mostra trechos de discurso para os trabalhadores, religião, o papa, entre outros temas)

(Geraldo) Pode interromper e comentar na hora que o senhor quiser. As reivindicações (mostrando a tela)

(vídeo fala sobre o direito dos trabalhadores e as reivindicações)

(Ermanno) Escutando esta lista de direitos que estavam sendo adquiridos nas lutas daquele tempo até hoje (e que hoje estão negando). Exatamente, e a gente percebe o passo atrás que estamos fazendo hoje em nível de governo e golpe aqui no Brasil. Quer dizer são direitos trabalhistas que ao longo de todas estas lutas que foram feitas, de ,70,80,90, que num governo um pouco mais popular, realizado pelo bem comum, foram adquiridos e de repente, parece que tudo fica implodido. Uma implosão geral de todo caminho. E a coisa que deixa mais triste é que isso faz parte de um projeto maior.

Em nível de mundo, as direitas que se organizam, o que significa. Simplesmente que estão querendo eliminar qualquer passo que as pessoas constroem a sua dignidade o seu bem comum e bem estar, que é a dignidade de filhas e filhos de Deus. Porque acontece os golpes? Acontece porque classes populares, pobres e exploradas conseguem chegar a um patamar superior e isso é uma ameaça para os detentores antigos, uma burguesia, uma acumulação de capital. E é isso exatamente que está se querendo fazer aqui no Brasil Em Fortaleza, umas das primeiras coisas que o governo Temer fez foi cancelar subsídios a deficientes físicos.

Mas como é que se pode? Um trabalhador estão enchendo as ruas pra reivindicar direitos. Um deficiente físico, o que ele pode fazer, como ele se organiza. Então corta. Isso é triste, falando como Dom Claudio estava colocando aqui, podemos perceber que são dois projetos, um projeto de salvação da humanidade que começa hoje e chega até onde Deus sabe. E um projeto de condenação dos filhos e filhas de Deus. Não precisa ser cristão pra ser filho de Deus. Quando você destrói aquilo que as pessoas, a sociedade, a história do caminho da humanidade está fazendo, você entra naquele projeto do apocalipse de São João, que é o projeto de Satanás. Da grande prostituta, da maldade que vai se destruindo, é isso que sustenta a esperança da gente.

Apesar de tudo isso que tá acontecendo e hoje nós podemos ver que nosso caminho está retomando uma força porque acreditamos naquilo que estamos fazendo, O militante não vai pra uma manifestação porque tá paga a passagem ou te dá 50 reais, como acontecia

aqueles que levaram o pato na Paulista. Vai porque acredita, vai porque quer e percebe que é um caminho certo. A gente vê isso em muitas comunidades que se as pessoas não acreditassem, não fariam. Vão porque acreditam. E acredita com uma alegria até, fazendo aquelas charges, aquelas piadas, que mostra que isso faz parte da vida da gente.

(Geraldo dá play no vídeo novamente)

(Geraldo) O pai e o filho (falando do vídeo)

(seguem vendo o vídeo)

(pessoas cantam no vídeo)

(Ermanno) Esse é Bom Jesus da Lapa? (É) Esse era bispo de Caitité.(apontando pra tela)

(Ermanno) Essa é a Zurita que trabalhou na CPT.(apontando pra tela)

(o vídeo fala sobre a teologia da libertação)

(vídeo fala sobre o papel da igreja com relação aos pobres)

(Geraldo) Até agora é Brasil. Aqui agora é a Nicarágua. Este é Molina, ele é que faz a denúncia. Temos uma hora e meia, eu tenho tempo se quiser conversamos sobre o que vimos do Brasil. O que você acha? Mas o senhor vai levar uma cópia desse. Vamos falar um pouco disso.

Essa proposta que você estava colocando agora quando cheguei, acho que é interessante porque hoje na igreja, como na sociedade já aconteceu quebra. João Paulo II com a visão que ele tinha de medo do marxismo, pela experiência que ele viveu na Polônia, experiência real, sofrida. A quebra que houve é relação ao comprometimento da igreja, dentro da sociedade, dos problemas. Esse comprometimento recebeu quase uma ducha frio. Sempre teve outras pessoas que continuaram de fato, muitas vezes sem aparecer ,porque muitas vezes o trabalho na base não aparece, mas acontece.

Hoje, por exemplo, eu acredito que uma das tarefas principais das igrejas é de voltar mais pras bases. Antigamente, anos atrás, nós tínhamos comunidades eclesiais de base. Essas comunidades de base era a presença da palavra de Deus no meio do povo, em que nos encontros participavam pessoas que não necessariamente eram cristãos praticantes, mas era gente que tinha uma sensibilidade, um compromisso, que percebia um caminho que se devia realizar. Isso é que ficou muito forte e essa é que é chamada a teologia da libertação como um estruturação de pensamento, nada mais era do que um refletir em cima de uma realidade que estava acontecendo.

Quando o Gustavo Gutierrez escreveu aquele primeiro livro, não sentou num gabinete consultando livros e enciclopédias para fazer a teologia da libertação, ele vinha de um

trabalho no meio do povo e ele estava percebendo uma nova maneira de se aproximar da sagrada escritura, ele percebeu que é uma experiência de fé do povo, não cai do céu. A sagrada escritura como o povo descobria a presença do pai libertador, do pai que amava, no meio de um povo excluído, escravizado no Egito que vai para uma terra prometida, terra da liberdade. Esse caminho e essa chegada na terra da liberdade eu diria que é uma imagem da humanidade.

Que o povo não era perfeito. O povo pecador, fazia tanta besteira, quando chegou na sagrada escritura não foi o céu que começou aqui na terra, foi um aprendizado, uma conversão contínua, a necessidade de escutar os profetas que chamava a atenção, vocês não podem ser como os outros povos que querem dominar, desprezar os pobres. Até os reis diziam vocês estão desprezando o pobre e não podem. O nosso deus é um Deus de amor, um deus de paz, um deus que ama o seu povo. Esse caminho que nós descobrimos na sagrada escritura, a gente percebe e ninguém percebe mais isso do que o pobre, que era minha história, não era a história de um povo de antigamente, que eu leio como posso levar a história de uma pessoa que viveu mil anos atrás e é interessante.

Mas aquela história, aquela que me abriu os olhos pra dizer, Deus está aqui com a gente e quer que a gente seja livre. Ser livre significa não ter opressores, não ter exclusão, e ao mesmo tempo o profeta dizia, o coração seu também tem que ser livre. Porque uma estrutura social maravilhosa, bonita, não pode me deixar tranquilo como se eu não tivesse também uma necessidade de me renovar, da minha vida, a minha relação que estabeleço com os outros dentro da sociedade, eu não posso repetir uma opressão. Paulo Freire dizia que no coração do pobre, existe um setor, um canto onde nasce o desejo de oprimir, ser mais forte, de dominar.

Então esse caminho é muito interessante porque quando as pessoas dizem esse trabalho social. Mas meu amigo, que converso eu devo fazer dentro de mim para fazer esse trabalho social. Essas pessoas ignoram o aspecto de conversão pessoal que dentro dos nossos trabalhos a gente descobriu. Então, quando você tem um pouco de poder, entrar num sindicato, por exemplo, você não é dono dos trabalhadores rurais da sua área, você entrou com um presidente de um sindicato, peça chave de uma organização não é pra dominar, mas para se colocar a serviço. E aí entra o discurso, por exemplo, quantas vezes a gente lia aqueles textos quando Cristo brigava com os apóstolos e cada um queria ser melhor que o outro. Ele lava os pés e disse, ó você é grande, lava os pés, aí é sua grandeza. Como eu que sou o senhor, mas eu lavei os pés.

Você presidente do sindicato, uma peça importante dentro de uma organização popular, você sirva aos outros, não pode repetir o esquema de opressão. Hoje, nós estamos num momento da igreja em que eu percebo claramente que muitos setores leigos, existe um mal estar em relação a estrutura da igreja e como a igreja está levando adiante o discurso da estrutura espiritualista. Muitas vezes desencarnado. Nós fizemos em Fortaleza no ano passado, um grande simpósio, havia mais de 1500 pessoas, todos ligados as paróquias.

E eu percebi que os momentos em que o pessoal bateu palmas era quando os palestrantes, e claro tinha uma visão boa da fé, da vida, quando eles colocavam essa necessidade de juntar o nosso compromisso de Cristão que em do meu batismo, colocar dentro, como serviço À vida, aos problemas, ali era o momento que o pessoal batia palmas. E o momento que mais batiam palmas, foi quando um dos palestrantes disse, analisando os setores sofridos, excluídos, gente ignorada, ele disse: porque estes problemas ficam ainda tão longe dos compromissos das nossas comunidades, nossas paróquias. Foi um salva de palmas fantástica. Os leigos que estavam lá não eram de partidos, eram leigos que participam da vida da comunidade, da igreja, da paróquia. (Ermanno) que faz catecismo pras crianças, que faz a preparação do batismo de adultos. Mas essas pessoas, inclusive dentro de grupos religiosos, percebem que não é suficiente aquele oba, oba, você enche um estádio, louvores a Deus, todo mundo vai pra casa e nada

muda, quer dizer. Pra mim essas palmas que o pessoal dava naquela hora me chamavam muita atenção. Porque isso? Não aparece claramente nas comunidades e organização das paróquias porque estes leigos, muitas vezes, nunca foram colocadas a par, com padres, bispos, vamos sentar aqui como igual, falar o que estamos sentido e tomar nossas decisões em cima das nossas atividades.

Então, acho que eles tem uma percepção, mas não foram colocados nas possibilidades de tomar decisões e fazer propostas, esta que é a tragédia da igreja todo. Inclusive a tragédia de grupos espiritualistas que pensam que o papel da igreja seja a alma, o espírito e olhar pra cima. Quando o espírito de Jesus Cristo, do pai, onde ele levava? Nos piores recantos da sociedade, a encontrar os leprosos, que eram considerados amaldiçoados por Deus, levava a respeitar e falar com as prostitutas, como os samaritanos que eram considerados excomungados. Com os pecadores, os pagãos, os cobradores de impostos.

Porque Jesus Cristo foi assassinado? Porque colocou em perigo o poder opressor por parte do estado e sobretudo o poder opressor dentro da religiosidade do tempo dele. Os sumo sacerdotes, os mestres da lei, os escribas, os fariseus, foram aqueles que articularam a morte de Jesus Cristo. Eu sempre digo que Jesus Cristo não morreu na cruz, foi assassinado. Portanto, o compromisso de Jesus Cristo foi certo. Ele não veio nessa terra pra passear, pra brincar, pra fazer um tempo de turismo. Ele veio porque o pai mandou ele pra dizer vai lá nesse mundo, ajuda as pessoas que são todos doidos a entender como tem que ser a convivência pra que a sociedade seja diferente.

É Cristo, chamou esse projeto. Então, eu às vezes brigo com certas pessoas que dizem, isso é trabalho social que o sindicato pode fazer, trabalho de partido, de movimento social, não precisa que a igreja se meta nisso. A igreja vive aonde, na estratosfera? Então, retomando esta palavra de Jesus Cristo, o reino de Deus, que palavras nós usaríamos? É a sociedade, é o mundo, o reino de Deus é construir uma sociedade diferente, onde não haja aquela opressão, aproveitamento dos pobres, aquele massacre. Até nas guerras chegamos pra roubar petróleo, um país vizinho massacrar um povo, massacrar governos.

Então, este tipo de trabalho, se a igreja fica fora, ela está traindo, Uma traição profunda do povo e portanto da palavra de Deus. A igreja fica uma hipócrita, tanto como os fariseus e sacerdotes do templo sem nenhuma diferença. Não é por nada que as parábolas de Jesus Cristo, colocamos certas palavras que são uma anestesia. Por exemplo, a palavra do bom samaritano, é terrível como hoje é apresentada. Porque se nós ficarmos na palavra do bom samaritano, reduzimos tudo a uma ação boa que ele fez. Ele está vendo o coitado morrendo da beira da estrada e ajudou. Portanto, vamos ajudar também os outros.

(Ermanno) isso é falsificar o evangelho, nós deveríamos dizer não mais a parábola do bom samaritano, mas a palavra do samaritano safado, amaldiçoado por Deus, isso era o samaritano. Quando Jesus falava a palavra samaritano todo mundo diza, opa. Os samaritanos eram amaldiçoados por Deus, desse jeito era considerado a categoria por toda uma história que teve no passado. Então, se você fala, hoje vamos ler a parábola do samaritano safado, excomungado por Deus o pessoal dá um pulo da cadeira. E olha uma coisa interessante, isso pra dizer que não somos nós que dizemos onde está o espírito santo agindo, ele age onde ele quer.

Naqueles que nós consideramos excomungados dentro da igreja, que afastamos, ali que o Espírito santo está presente talvez até mais do que nas catedrais. Dom Frágoso, bispo de Crateos, uma vez numa reunião, estava no grupo com ele e ele disse uma frase que me ficou na cabeça. Ele trabalhava no setor da prostituição, o sofrimento dessas mulheres,

ele sentia muito. Por isso ele falou. eu acho que tem mais espírito de Deus agindo em muitos prostíbulos, do que em muitas catedrais. Mas a verdade. Se a gente vai acompanhar e entender a vida, a exploração e o desprezo que essas mulheres sofrem, Deus tá lá com o sofrido. E a vida delas, a gente logo faz, pecado, não pecado.

(Ermanno) Papa Francisco, o que falou um dia. Gente a misericórdia que devemos usar, sabe porque; Deus olha mais o sofrimento do que o pecado das pessoas. São luzes que vem, coisas fantásticas e assim que nós aprendemos o que significa aquela palavra da igreja, que saiu no conselho e em tantos documentos, que os pobres nos evangelizam. Eu tinha dificuldade em entender essa frase, até que um dia eu tenho um irmão que é padre e trabalha com o povo da rua. E, numa celebração que fizeram com o povo da rua, leram a palavra do bom samaritano. Ele faz a pregação conversando com as pessoas e em certo ponto perguntou, quem é a pessoa chave dessa parábola?

Bom, intuitivamente eu também teria respondido o samaritano, sabe o que falou um dos moradores de rua? Olha, a pessoa fundamental é o cara que foi assaltado e estava morrendo. Rapaz, é uma revelação essa pra mim. Porque aquele que estava morrendo, o fato de ser excluído, suja de sangue, ele releva o que está no coração das pessoas. Passa o sacerdote, olha e vai adiante. Aquele que está morrendo e ninguém quer tocar, o que revela, esse sacerdote é falso. Ele foi no templo louvar a Deus e me deixa morrer? Passa o Levita, o bom cristão, também olha e passa adiante, então Cristo condena a religião (Ermanno)Eu acho todas as religiões que estabeleceram regras, que tem especialistas que devem dizer aos outros o que fazer e depois não fazem. Quando passa o samaritano, aquele que está morrendo revela o que está no coração do samaritano, ele teve compaixão, que significa padecer com o outro, o sofrimento do outro está dentro de mim. Eu sinto o que ele sente e eu vou ali. Este samaritano excomungado, desprezado, que não valia nada na sociedade, olha lá. A revolução que Cristo fez foi exatamente esta, que Deus quer mudar a sociedade a começar pelos últimos. Nunca um setor abastado, rico, cheio de dinheiro vai fazer a revolução pra salvar o mundo, salvar as pessoas, porque já estão satisfeitos, pra mim tá bom assim.

As mudanças verdadeiras, profundas, vem exatamente quando os pobres, os excluídos se organizam e com uma consciência nova procuram construir estruturas novas. Porque o conselho ecumênico e os documentos da igreja fala, a sociedade hoje está do jeito que está porque tem uma estrutura de pecado. Olha lá, estruturas pecaminosas, que destrói a vida, que cria a miséria, a pobreza, essa é a estrutura de pecado. Nós devemos fazer novas estruturas, se o que temos dentro da gente, aquilo que acreditamos que devemos começar com os últimos, para que estes tenham vida em abundância como fala Jesus Cristo.

Para fazer isso eu devo fazer uma conversão profunda dentro de mim, é triste, acontece. Um advogado que a família jogou ele fora de casa e foi lá num bairro de periferia, em Fortaleza, o mais desprezado. E foi lá e começou a trabalhar naquele bairro. Estas são as conversões. Então, quando nós falamos hoje da igreja nós temos uma grande sorte, que é fantástica, aquilo que a bíblia chama do momento bom, a oportunidade boa, o momento especial pra vida da gente que é o Papa Francisco.

(Ermanno)Eu já falei antes, no sentido que ele percebe na sociedade quais são os passos a fazer para mostrar, são sinais. O apóstolo São João no seu evangelho não fala de milagres, ele fala sinais. A multiplicação dos pães que é dar de comer a 5 mil pessoas, 10 mil, é o sinal. A ressurreição de Lázaro é o sinal. O que papa faz é o milagre que eu prefiro chamar de sinais, como luzes. queremos o mundo diferente, é por aqui. A sociedade não é aceita às vezes, mas que nós devemos colocar com toda força. Exatamente porque é o caminho que Jesus Cristo fez.

(Ermanno)Não tem outro jeito, não é o poder a grandeza. Aquele evangelho que São Lucas fala da tentação de Jesus Cristo. É a dificuldade que Jesus cristo, porque ele ficou pensando 30 anos, o que devo fazer para revelar o pai? Para que o mundo entenda que devemos ser diferentes. Eu posso fazer milagres o quanto quero, estas pedras que se tornem pão. Depois da multiplicação do pão o povo vai atrás dele, ele manda ir embora. Ah, vocês vieram aqui porque ontem encheram a barriga, procure outras coisas. O que serve pra nossa vida. Então a tentação do poder de oferecer as coisas, todo mundo vai atrás, na hora de votar, o povo vai atrás do candidato pra receber e pronto.

(Ermanno)Se joga aqui do templo, os anjos vão te pegar. Não me joga, não vou fazer espetáculo a religião, ou todas riquezas do mundo, não é o poder da riqueza, o caminho para manifestar Deus. Qual é ? aquilo que vem logo depois, que Jesus vai na Sinagoga de Nazaré, pega o texto do profeta Isaías que diz, eu vim para anunciar a boa nova aos pobres. Pra dar a vista aos cegos, pra tirar da opressão os oprimidos, pra libertar os cativos, pra anunciar o ano da graça do senhor. Este é o caminho desta igreja que quer seguir Jesus cristo, não é encher um estádio e ter dez canais de televisão que só transmite texto e oração e reza, etc. Tudo isso pode ser importante.

(Ermanno)Mas se a nossa fé, que eu posso expressar de mil maneiras, não chega a estes elementos concretos da vida. Jesus disse pra o que que veio, não aquilo que o diabo, o mundo podia indicar pra ele, mas o que o profeta Isaías falou, o que o pai me diz, eu faço. Então nesse sentido, eu acho que a igreja hoje, eu espero que Papa Francisco ajude as pessoas a pensar. Se pode eliminar o papa falando contra, mas a coisa pior é quando se ignora. Porque o que o Papa faz, o povo sabe? Muita gente não sabe. Então, eu aproveito sempre fatos que ele coloca e falo nas pregações.

Até que uma vez uma pessoa veio me dizer, o padre o senhor não falava do Papa e agora fala, por que? Eu disse, bom tem o papa e papa. Porque você percebe que ele faz porque acredita, não está fazendo cena, teatro e sobretudo ele diz, ó gente, é por aqui. Quando ele fala dos documentos dele que são fantásticos, da igreja dele realizar uma conversão pastoral, quer dizer, que devemos pegar a nossa pastoral, analisar e ver o que se deve mudar lá dentro, mudar tudo. Conversão significa pelo contrário, mas quantos fazem isso? Quando ele fala sobre a família, a natureza, a alegria do evangelho que é fantástico, quando ele diz, o que eu coloco aqui eu não quero fazer uma lei pra obrigar ninguém.

(Ermanno) Ele diz vamos amadurecer, mas eu espero que vocês percebam que pode ser normativa, que pode ajudar vocês a descobrir um novo jeito de ser igreja hoje. Por isso eu tenho ainda esperança que a gente saiba dentro da igreja se renovar e tem grupos interessantes, movimentos interessantes e sobretudo uma igreja que saiba trabalhar com as pessoas, com todos. OS cristãos, em nome da nossa fé, devemos nos comprometer, mas tem muita gente que não é cristão como você é mas que tem um sentimento, uma preocupação com a sociedade e com a vida, que é muito forte, mais forte do que a gente.

(Ermanno)Agora, por exemplo, essas manifestações que existem pelo Brasil afora, em Fortaleza eu participava com os sindicatos, os movimentos sociais para ver como fazer. Quando o pessoal dizia, tal sindicato, você pensa que vem quantas pessoas. Posso ver 2 ônibus, 7...Uma vez, quem coordenava era o padre da igreja, eu fiquei ali, porque as paróquias não falam disso e isso é fazer política, ficar em casa trancado não é política. Mas se você vai participar de caminhada, isso é fazer política e não se quer falar nas comunidades destes problemas, É afastado, é terrível isso, mas ultimamente tem gente que participa até com faixas. que é bom, a coisa está melhorando.

(Geraldo) Olha foi ótimo, tá sendo ótimo, eu acho que é um material excelente, um tipo de material que é exatamente o material que falta pra gente. Essa visão que coloca uma questão de agora e projeta um futuro, acho que isso tá faltando. Essa fala do senhor, cumpre essa deficiência que tem no material e o que nós já temos vai crescer e jogar uma esperança pra frente num nível da comunicação, da pouca coisa que pode significar um trabalho de televisão. Que vai pras tvs públicas, tem veiculação com tvs comerciais, um projeto que vem desde do governo Dilma e estamos trabalhando com liberdade e vamos até o fim com isso.

(Ermanno) Mas é bom, eu coordenei uma agência de notícias e tivemos que repassar pra outra entidade, mas pra mim é nível acadêmico, o que acha ótimo. Faço muita propaganda desse site, eu entro. Eles acompanham o trabalho do Papa direto. IHU, instituto humanitas unisiniuns, de São Leopoldo. Universidade dos jesuítas.

(Ermanno)E por exemplo, pode ser muito forte na religião esse site dele por isso nós repassamos,mas quando a gente fala em termos econômicos, o papa fala do capitalismo, é interessante que agora usa a palavra aberta capitalismo. Então, eu digo, olha lá, ele não faz análises econômicas, faz exemplos. Por exemplo, uma coisa que aprendi com lavradores. Aquela parábola dos talentos, que tem o pessoal que espera. O pessoal que vai na praça do tempo da colheita, que os latifundiários pegavam gente pra fazer o trabalho. E tem lá, 200 pessoas, um chama 10, outro chama 10, horas diferentes. E vem um patrão que faz um acordo que comece de manhã cedo um talento, quando vai às 10h, chama o mesmo tanto, quando chega , 4 horas da tarde chama um outro grupo. Quando termina o trabalho, começa a pagar, a começar pelo últimos. E dá um talento, 5, os que começaram primeiro acham que vão receber mais, quando chegam os primeiros recebem a mesma quantia e nunca entrou na minha cabeça porque Cristo falou isso. A minha cabeça também acho que é capitalista, se um trabalha o dia todo, produziu muito, então na base da produção dele vai ganhar.

(Ermanno) Fizemos esta leitura com lavradores. Um lavrador chama Joaquim e morreu pouco tempo, era um místico. Ele disse, mas você sabe porque os primeiros recebem tanto quanto os últimos? Primeira coisa, Jesus não esta incentivando os vagabundos, porque quando o senhor vai chamar os últimos, o que vocês fazem o dia todo sem fazer nada? Porque ninguém nos contratou, mas eles queriam trabalhar. SE você é desempregado, não é que você é vagabundo. Mas então venha trabalhar, ele deu o mesmo porque quando os últimos chegavam em casa encontrava o mesmo problema que os primeiros encontravam.

Esse senhor está ensinando pra gente, não devemos olhar a produção, mas a necessidade.

(Geraldo) Isso é marxista também. Sabedoria do homem do campo, do trabalhador rural. Mas qual é a pergunta que você queria me fazer?

(Ermanno) Ultimamente estou lendo muita uma linha de teologia, estudos bíblicos que já está presente na igreja há muito tempo, só que os papas anteriores abafavam, o que era? O Cristo histórico, vamos entender o Cristo histórico, o que ele disse? Os evangelhos, é que as primeiras comunidades começaram a escrever a partir da vivência deles. Não é registrado. Então dentro disso, foram condenados porque o Cristo histórico

não reconhece o Cristo filho de Deus, então eu digo sempre, nós temos mais facilidade em acreditar que Cristo era filho de Deus que acreditar que Cristo era gente. Então, muita dificuldade em acreditar nisso. Quando eu digo que as tentações é a dificuldade de tudo aquilo que Cristo foi pensando, que ele foi crescendo, aprendendo, foi trabalhar e viu aqueles trabalhadores, como era tratada a prostituta que vivia perto dele, como era tratada a criança, que não tinham valor, quando aparecia um samaritano era apedrejado, a mulher que era apedrejada porque botava chifre no marido, mas ele ficava tranquilo. Tudo isso foi a formação de Cristo e Nazaré era um povoado de 200 habitantes, perdidos nas montanhas. E Cristo foi trabalhar. Quando Heródes o grande construir a cidade de Cesárea, que fica a beira mar e a outra cidade Céfolas, as duas cidades de luxo que ele construiu.

(Ermanno) que ficavam a 5 km de Nazaré e todos os povoados vizinhos iam lá pra trabalhar na construção dessa cidade e Cristo ia trabalhar lá, com José, com vizinho, com os amigos. Ia todo dia ou fim de semana, nessa experiência ele foi aprendendo então esse que é o Cristo histórico. Isso aparece no evangelho, nós podemos fazer um filme, falando de Jesus Cristo sem considerar a vida pública dele. Mas considerando a vida anterior.

Se tivesse, esse que foi assassinado, o homossexual, eu fazia a proposta pra ele. Agora tem estes dois filmes, a Última Tentação de Cristo e a outra, aquele dois diretores, Scorsese e o outro. Os dois fizeram um esforço pra apresentar coisas mais realistas, e acho que colocaram dentro umas coisas meio assim, parece bêbado, mas era o esforço real para encontrar um aspecto mais forte em Cristo.

(Ermanno) Mas se nós pegamos tudo aquilo que Cristo aprendeu, colocar esse aprendizado, quando ele vai a João Batista. É fantástico, porque João Batista era o último profeta, ele diz, mas até isso foi uma tentação pra Cristo. Cristo não faz o que João Batista dizia, quando houver o messias, que está aqui no nosso meio, ele vai colocar o machado na raiz, ele vai limpar o celeiro, queimar a palha no fogo e vai sobrar só o que é bom. Quando Cristo ver, o que ele faz, perdoa, chama os pecadores e João Batista entre em crise e manda os discípulos, é você que devemos esperar ou devemos esperar outro, porque eu não vejo que você faz o que eu disse.

Eu era certo que o Messias vinha fazer. E o que Cristo responde. Vai e diga a João Batista o que vocês veem. Os pobres evangelizados, os cegos enxergam, os mudos falam. Cita Isaías pra dizer, eu sou messias, mas porque faço isso. A novidade que Cristo representa dentro do pensamento religioso. E João Batista perde a cabeça, ninguém foi maior do que ele. Porque com ele começa uma nova época, mas esta nova época, qualquer um é maior do que ele. no sentido que vocês percebem o que Deus fala diretamente através de mim. É fantástico.

(Ermanno) Esse realismo aí, nos filmes. Eu vi um filme nesses dias, que fez um esforço mais realista. Existe isso, mas pra mim. Estou dizendo isso porque, voltando a Cristo histórico, tem uns livros. Eu li dois, um desse tamanho de um espanhol, Jesus com aproximação histórica. É fantástico. José Antonio Pacola. E ele tem outros livros, que eu leio todo domingo pra preparar as pregações, os 4 evangelhos. E depois outro, José Castilhos. Que é um espanhol também, mas que leciona em El Salvador, jesuíta. O título dele é Jesus. Esse segundo pra mim é muito mais radical e verdadeiro porque ele diz, queremos aproximar a Deus, não vamos na religião, não vamos 'nos sagrado porque Deus não está lá. Este espaço sagrado e religioso é ocupado e dominado pelos espertos, pelos sábios, pelos que são experientes, para aqueles que sabem, os inteligentes, os especialistas. E estes não aproximam de Deus, mas aproximam da religião. e para garantir que você pertence a esta religião você precisa fazer coisas, ter certas atitudes. Se você corta cabelo não é crente. Se não vai nas missas aos domingos não é católico.

(Ermanno) Eles fecham o espaço religioso, que deve nos levar a Deus dentro de uma série de práticas. Ele diz, você quer ser religioso, entra no mundo leigo. Que aquela frase que falei antes, pra ver se acredita em Deus não pergunta o que ele pensa de Deus, pergunta o que ele pensa do mundo. Resume esta outra visão, é dentro de uma visão de compromisso da sociedade que você se aproxima Deus, que lá Deus está agindo, o espírito não fica fechado e trancado dentro de quatro muros, no templo da igreja. O espírito é livre e vai onde ele quer. Então, ou se você se deixa conduzir. Cristo se deixa a conduzir e custou caro pra ele. Ou você puxa o espírito aqui, fecha aqui e você passa e passa bem.

(Geraldo) Foi muito além do eu esperava, material maravilhoso. (Geraldo explica sobre o processo de filmagem)

(Ermanno) Anota o nome do Quilombo.

(Geraldo fala sobre o entrevistado do Quilombo)

(Geraldo fala sobre o cronograma e prazos)

(Ermanno) Porque é a entidade de Salvador, tem interesse.

(Geraldo explica sobre a produtora e edital)

(Ermanno) Em Santa Maria da Vitória nós construímos um centro de treinamento. Se quiserem ir lá pra dormir, comer. Mas tem espaço pra fazer sobre isso daqui. Vocês pensam o esquema, tem os contatos lá e se pensa alguma coisa com essas comunidades, como continuou daquele tempo até hoje. (continua falando sobre a logística)

(Geraldo combina com o padre outro encontro)

(Geraldo agradece o entrevistado)